PREGANDO CRISTO

Edgar Andrews

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287 – 01059-970 – São Paulo, SP
www.editorapes.com.br

Título Original:
Preaching Christ

Editora:
Evangelical Times

Copyright:
Evangelical Times Ltd., Reino Unido

Primeira edição em inglês:
2005

Copyright:
Evangelical Times

Tradução do inglês:
Odayr Olivetti

Capa:
Wirley dos Santos Corrêa

Primeira edição em português:
2006
(*Permissão gentilmente concedida por Edgar Andrews*)

Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

Nota dos Editores 7
Prefácio do autor 9
1. O que vamos pregar? 11
2. Que significa pregar Cristo? 18
3. Dando as boas novas completas 25
4. As insondáveis riquezas de Cristo 32
5. Pregando a expiação 40
6. Proclamando o Salvador 48
7. Jesus pregou Cristo? 55
8. Pregando Cristo a cristãos 64
9. Pregando Cristo firmados no Velho Testamento ... 71
10. A prática do Novo Testamento (1) 79
11. A prática do Novo Testamento (2) 87
12. O sermão de Estêvão 94
13. Cristo em todas as Escrituras 102

Nota Editorial

Os capítulos desta pequena obra apareceram primeiro como uma série de artigos publicados no *Evangelical Times* durante 2004, embora o capítulo 7 tenha sido acrescentado posteriormente. Em resposta a solicitações, estes artigos aparecem agora coligidos – como o primeiro volume do que esperamos venha a ser uma série de pequenas obras sob o título genérico de *ET Perspectives*.

De vez em quando o *Evangelical Times*, um jornal mensal, publica uma série de artigos sobre uma variedade de assuntos, cujas categorias vão dos temas históricos aos teológicos, da vida cristã prática à exposição da Bíblia. Os editores sentem que muitas vezes estas séries são de suficiente interesse para garantir que sejam proveitosas por direito próprio e por isso eles criaram o *ET Perspectives* como um meio para esse fim. Cada uma destas séries tem normalmente uma extensão que se presta para reimpressão na forma de opúsculo – daí a presente (e, esperançosamente, as futuras) publicações.

A nossa esperança, em oração, é que estes pouco dispendiosos opúsculos sejam úteis para promover o evangelho da glória do nosso Senhor Jesus Cristo e para levar homens e mulheres a um conhecimento mais profundo das Suas "insondáveis riquezas".

Os Editores
Evangelical Times

Prefácio do autor

Preguei o meu primeiro sermão há perto de cinqüenta anos, e desde aquele tempo aprendi muita coisa! Todavia, uma coisa não mudou – a minha convicção de que a única pregação que realmente conta é a que se centraliza na Pessoa, na obra e na glória de Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus.

Meu método preferido é pregar consecutivamente sobre um livro ou uma parte da Bíblia, e isso significa, inevitavelmente, tratar de muitos pontos diferentes no curso de uma série de sermões. Tal pregação move-se constantemente para lá e para cá, dos píncaros das montanhas dos propósitos eternos de Deus aos vales da experiência, dos conflitos e das perplexidades espirituais. Mas eu nunca encontrei uma passagem na Bíblia inteira que de algum modo não aponte para Cristo, o Senhor da glória, de quem essas passagens das Escrituras testificam.

Na atualidade, porém, muita pregação evangélica tem falta de uma coesa dimensão cristológica, e, em conseqüência, as igrejas desfalecem. Na década de 1950, a igreja que nessa época eu freqüentava estava experimentado um período de grande bênção, ocorrendo a salvação de muitos moços e moças (especialmente moços), sob o ministério do Pastor Iain Tait. O ministro de uma igreja próxima perguntou-lhe qual era o segredo do seu sucesso. "Penso", respondeu ele, "que, enquanto você diz: "Venham para a igreja", nós

dizemos, "Venham a Cristo". Ele estava certo. Mesmo nestes dias em que poucos são convertidos, os crentes são abençoados e edificados pelo ensino e pela pregação centrados em Cristo. E, ainda mais importante, essa pregação glorifica Cristo e agrada a Deus o Pai (2 Coríntios 2:14,15).

Isso é algo que precisamos redescobrir. Pode até ser que alguns pregadores precisem ser convencidos de que a pregação centralizada em Cristo é realmente o método bíblico. Outros aceitam o princípio, mas acham difícil seguir a prática. Este pequeno livro é oferecido com o genuíno desejo de ajudar tais pessoas, bem como encorajar os que, com Paulo, lutam para "pregar... as insondáveis riquezas de Cristo".

Finalmente, talvez eu deva desculpar-me pelo fato de que o título deste livro é o mesmo de uma extensa e similar publicação da Banner of Truth Trust, a saber, a sua reimpressão, feita em 2003, da mensagem de Charles McIlvaine, de 1863, intitulada *Pregando Cristo*. Dados o assunto e o conteúdo do presente livro, isso foi inevitável. Contudo, recomendo calorosamente ao leitor a publicação pela Banner pois, embora a minha abordagem seja muito diferente, a minha mensagem é precisamente a mesma. Acredito que o leitor se beneficiará com a leitura de ambas.

Edgar Andrews
Welwyn Garden City
Hertfordshire, UK
Abril de 2005

1

O QUE VAMOS PREGAR?

"Porque não nos pregamos a nós mesmos,
mas a Cristo Jesus, o Senhor;
e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus."
– 2 Coríntios 4:5

Duvido que alguém que tenha sido chamado para pregar contenda com os sentimentos do apóstolo Paulo. Ao menos na teoria, todos nós concordamos que Cristo deve ser pregado.

Mas a experiência mostra que as boas intenções nem sempre são levadas a efeito. Tendo pregado há algum tempo numa igreja cujo pastor pouco tempo antes se aposentara, recebi depois uma missiva de agradecimento. Ela dizia que, dos perto de doze pregadores visitantes que tínhamos prestado serviço àquela igreja, só dois de nós tínhamos pregado uma mensagem centrada em Cristo.

Dá para suspeitar que essa experiência é comum. Outras indicações de que nem tudo está bem nos vêm de livros, conferências e artigos sobre a pregação. Muitos deles contêm pouca referência direta a pregar Cristo

(naturalmente, com honrosas exceções).

Lemos sobre pregação expositiva, pregação relevante, pregação com poder, preparação para pregar, e tantas outras coisas, porém de algum modo o conteúdo da pregação freqüentemente parece esquecido. Há duas principais razões para isso. Alguns acham, genuinamente, que Cristo não deve ser o único foco central da pregação evangélica, mas que outros assuntos requerem igual tratamento – especialmente quando a pregação é dirigida a crentes. Por outro lado, muitos protestam que é tão óbvio que se deve pregar Cristo que não há necessidade de dizer isso. É uma coisa que se deve tomar por concedido. Contudo, na prática, o resultado muitas vezes é o mesmo – negligência em pregar Cristo. O propósito desta pequena obra é explorar o que realmente significa pregar Cristo e por que é essencial fazê-lo.

Alguns dados estatísticos

Comecemos com alguns dados estatísticos aproximados – extraídos da Concordância analítica de Young (por conseguinte, baseados na *King James Version* (Versão do Rei Tiago). As palavras "pregar" e "pregação", em nosso Novo Testamento inglês, são empregadas para traduzir nada menos de onze palavras gregas diferentes (algumas delas estreitamente inter-relacionadas). Todavia, a maioria das referências à pregação envolve apenas três palavras gregas, que significam respectivamente: evangelizar ou dar boa

notícia, boas novas (49 vezes); anunciar ou proclamar (61 vezes); e dizer ou narrar completamente (10 vezes).

Vou referir-me a isso novamente nos capítulos subseqüentes, mas o que é mais significativo para o nosso propósito imediato é o assunto ou o conteúdo da pregação do Novo Testamento. Dos aproximadamente 132 usos do verbo inglês que significa "pregar" no Novo Testamento, pode-se dizer o seguinte: em 39 casos, a palavra é utilizada de modo geral, sem identificar nenhum conteúdo específico (exceto no caso da pregação de João Batista, sobre o arrependimento, a qual está incluída neste número. Num caso, o assunto da pregação é "a fé". Em 12 casos, o assunto é "a palavra". Em 14 casos o que é pregado é "o reino". Contudo, um volumoso numero, 67 referências, falam em pregar ou "o evangelho" ou "Cristo (ou Jesus)". Uma vez que o evangelho é necessariamente "o evangelho da glória de Cristo" (2 Coríntios 4:4), todos estes exemplos falam em pregar Cristo. Além disso, "a fé", "a palavra" e "o reino", todos devem relacionar-se de algum modo com Cristo, pois Ele é o objeto da nossa fé, o assunto da palavra e o governador do reino! Portanto, não é exagero dizer que, sempre que o Novo Testamento identifica o assunto da pregação, vê-se que esse assunto é Cristo.

Implicações e objeções

Isso tem importantes implicações. Significa que somente a pregação centrada em Cristo tem a autoridade do Novo

Testamento. Se deixarmos de proclamar Cristo em nossa pregação, estaremos privando Deus de Sua glória e os nossos ouvintes do seu alimento espiritual. Porventura pode acontecer que mesmo nas igrejas evangélicas atuais "As ovelhas famintas ficam olhando e não são alimentadas?"

Mas alguns levantarão objeções neste ponto. Em primeiro lugar, eles dirão que eu tenho ignorado o Velho Testamento que é Palavra de Deus tanto quanto o Novo Testamento. Esse é um ponto válido, e pretendo tratá-lo mais completamente num capítulo subseqüente. Mas por ora vou simplesmente citar duas passagens. A primeira é a declaração de Jesus a Seus críticos: "Examinais as Escrituras (o Velho Testamento), porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam" (João 5:39). A segunda se relaciona com o que aconteceu no caminho de Emaús, quando Jesus repreendeu os deprimidos discípulos por sua lentidão "para crer *tudo o que* os profetas disseram!" Então "começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em *todas* as Escrituras" (Lucas 24:27); note-se a ênfase que acrescentei.

Essas passagens não provam que o Velho Testamento só contém material relacionado com Cristo, mas nos põem de sobreaviso quanto ao fato de que o próprio Cristo considerava as Escrituras do Velho Testamento como um maciço e concentrado testemunho de Si. É, pois, evidente que *podemos* pregar Cristo baseados no Velho Testamento simples e verdadeiramente como fazemos baseados no Novo. Eu iria mais longe e diria que *devemos* fazê-lo, mas

a argumentação a favor disso será desenvolvida à medida que prosseguirmos.

Somente para os que não são salvos?

Uma segunda objeção é que, conquanto devamos pregar Cristo para o incrédulo, isso já não é prioridade quanto ao crente. Há muitas outras coisas que devem engajar a atenção da alma convertida, é o que nos dizem. Um exemplo bastante citado é o aforismo de Samuel Bolton: "A lei nos envia ao evangelho para sermos justificados; o evangelho nos envia de volta à lei para inquirirmos qual é o nosso dever como justificados" (*The True Bounds of Christian Freedom*, 1645) (Os Verdadeiros Limites da Liberdade Cristã, 1645).

Isso implica que, conquanto devamos pregar o evangelho aos que não são salvos, devemos fazer da lei a nossa prioridade na pregação aos cristãos. Discordo disso profundamente, porém este não é o lugar para debater o papel da lei na vida cristã – aqui me limito a ilustrar a alegação de alguns que consideram "pregar Cristo" como um ministério para os que não são salvos, antes que para os salvos.

Este é um assunto amplo e às vezes confuso, e de novo o tratamento completo é posposto até mais adiante. Mas permitam-me oferecer-lhes aqui uma breve réplica a essa objeção. Para onde a Epístola aos Hebreus manda-nos, a nós cristãos, olhar quando corremos "a carreira que nos está proposta"? Acaso não é "para Jesus, autor e consumador

da fé"? (Hebreus 12:1,2). É, de fato. Pois Cristo não é s omente o autor da nossa fé – Ele é o único que pode levá-la à perfeição e à completitude! Sendo assim, tirar os nossos olhos dEle – seja qual for o motivo – é perigoso. Este seguramente constitui todo o peso de Hebreus. E o que se segue é que aqueles que pregam a crentes certamente têm que pregar Cristo, para que sejam habilitados a considerá-lO (Hebreus 12:3) – o que significa estudá-lO, ponderá-lO, concentrar-nos nEle e dar-Lhe a nossa total atenção.

Um doce aroma de Cristo

Permitam que eu conclua este capítulo assinalando o que é realizado quando pregamos Cristo. Quando Paulo chega a Troas "para pregar o evangelho de Cristo", ele vê a sua pregação como algo que manifesta em todo lugar o cheiro do conhecimento de Cristo". Isso é verdade quer os ouvintes aceitem a sua mensagem e sejam salvos quer a rejeitem e pereçam (2 Coríntios 2:12-15). Além disso, esta fragrância do conhecimento de Cristo não somente é difundida entre os homens, mas também sobe "a Deus" – como incenso oferecido no altar do tabernáculo. Quer dizer, a pregação de Cristo é um ato de culto e serviço a Deus, o Todo-poderoso, quer essa pregação seja aceita e bem apreciada pelos homens, quer não.

Agrada muitíssimo a Deus quando o Seu Filho é proclamado, seja qual for a reação do auditório humano. Pois Deus determinou que "todos honrem o Filho, como

honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou" (João 5:23). Honramos Cristo de várias maneiras, naturalmente – pela maneira como vivemos e como falamos, como também pelo nosso culto e serviço. Mas é difícil ver como podemos honrar Cristo a não ser que O proclamemos continua e coerentemente e preguemos as Suas riquezas insondáveis (Efésios 3:8).

Sim, Deus Se agrada quando pregamos Cristo – porém os que são filhos de Deus participam igualmente do Seu prazer. Cristo proclamado é um doce aroma para as suas narinas e um frescor para as suas almas, e elas nunca ficarão satisfeitas sem isso. Porquanto Jesus é o seu "Rei... um refúgio contra a tempestade, como ribeiros de águas em lugares secos, e como a sombra de uma grande rocha em terra sedenta" (Isaías 32:1,2). Portanto, que Cristo seja pregado!

2

QUE SIGNIFICA PREGAR CRISTO?

"Nós pregamos a Cristo crucificado,
que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos.
Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos,
lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus."
– 1 Coríntios 1:23,24

No capítulo inicial fiz a pergunta: "O que vamos pregar?" A resposta do Novo Testamento é que devemos "pregar Cristo". Consideramos algumas objeções a essa asserção, mas concluí assinalando a conseqüência de proclamar o Salvador – a saber, difundir "a fragrância do seu conhecimento" entre os homens e oferecer "o bom cheiro de Cristo" a Deus (2 Coríntios 2:14,15, ARA).

Mas, que significa exatamente "pregar Cristo"? Os escritores do Novo Testamento usavam livremente a expressão, como se não houvesse necessidade de definição. Mas em nossos dias de confusão teológica, seríamos prudentes se esclarecêssemos o seu significado. Esse é o propósito deste capítulo e do próximo.

Dar as boas novas

Eu assinalei que três importantes palavras gregas são traduzidas por "pregar" *("preach")* em nosso Novo Testamento inglês. A primeira delas significa "dar boa notícia, falar ou dar boas novas (ou evangelizar)". A segunda significa "anunciar ou proclamar"; e a terceira significa "dar as boas novas completas".

Neste capítulo vamos considerar a primeira dessas palavras. Ela nos mostra que pregar Cristo é contar às pessoas a boa notícia concernente a Ele.

Qual é a boa notícia? Deixemos que o anjo responda: "Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria... pois... vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor" (Lucas 2:10,11). Portanto, pregamos Cristo quando O apresentamos como Aquele que "salvará o seu povo dos seus pecados" (Mateus 1:21). Falemos com clareza – a história do Natal é para todos os dias e para o ano inteiro!

Mas, espere! Quem é que diz que nós precisamos ser "salvos"? E quais são os "pecados" dos quais precisamos ser salvos? Evidentemente, para pregarmos Cristo devemos também prover respostas a essas perguntas. É preciso definir pecado e explicar sua origem. Temos que mostrar claramente quais são os efeitos e as conseqüências do pecado, tanto no tempo quanto na eternidade. Se diminuirmos o pecado, desvalorizaremos a salvação, pois é do pecado que Cristo nos salva. Ele não veio para salvar o Seu povo da falta de propósito, nem da pobreza, nem da adversidade

política. Nem mesmo para civilizar os homens – Ele veio para salvá-los.

Libertação

Em resumo, a boa notícia, a boa nova sobre Jesus Cristo é uma mensagem de libertação. Ele "se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai, ao qual glória para todo o sempre. Amém" (Gálatas 1:4). Jesus anunciou pessoalmente que a Sua missão era "apregoar liberdade aos cativos..." (Lucas 4:19, ARC). Portanto, ao pregarmos Cristo precisamos deixar claro que todos estão no cativeiro do pecado e precisam ser libertados do seu terrível jugo.

Romanos 6:17 expressa essa verdade desta maneira: "Graças a Deus que, tendo (vós) sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. E libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça". Isso sublinha a natureza radical da conversão a Cristo – Deus "nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (Colossenses 1:13).

É desnecessário dizer que tal conversão redundará numa profunda transformação. Quando pregamos Cristo, devemos esperar ver vidas transformadas, porquanto as almas são libertadas do poder das trevas e se tornam servas da justiça. Também devemos chamar os que já professam Cristo a que vivam piedosamente e sirvam como súditos leais de Cristo, seu Rei.

Diagnosticar e tratar

Todavia, jamais devemos pregar o pecado como um tema único e isolado – diagnosticando a corrupção, aplicando a lei, advertindo do juízo e deixando as pessoas suspensas no ar. Isso não é pregar Cristo. Antes, devemos seguir o apóstolo em Romanos 3:23,24. Primeiro ele declara: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". Mas ele não deixa a coisa aí. Sem fazer pausa, ele acrescenta: "sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus".

Se eu fico doente e procuro o meu médico, não espero que ele faça o diagnóstico da minha doença e me mande para casa. Nem que me diga: "Volte a semana que vem, e eu prescreverei um tratamento". Eu já poderia estar morto! Não – o diagnóstico e o remédio devem ser dados numa única consulta (embora o equilíbrio entre ambos possa muito bem variar de um sermão a outro). Sem uma diagnose acurada, a doença seguirá seu curso e destruirá sua vítima. Mas diagnose sem tratamento pode ser igualmente fatal. Isto se aplica de igual modo, quer preguemos a pessoas que não são crentes quer a pessoas que professam crer. Em Romanos, capítulos 1-3, reconhecidamente, Paulo se dirige àqueles que não são salvos, gentios ou judeus. Mas o escritor de Hebreus usa a mesma metodologia exortando cristãos. Vejamos como ele faz isso.

Advertindo e fortalecendo

Em Hebreus 6:1-8 vemos uma das mais sérias advertências do Novo Testamento contra a apostasia ou a queda. Isso é dirigido a crentes professos, não aos de fora da Igreja. Mas o escritor não deixa a espada de Dâmocles pendendo sobre as cabeças deles. Ele mexe com eles com a sua advertência, porém imediatamente derrama reconfortante consolo – "mas de vós, ó amado", diz ele, "esperamos coisas melhores, e coisas que acompanham a salvação, ainda que assim falamos" (Hebreus 6:9).

Quer a pregação seja a salvos quer seja a pessoas não salvas, a profunda ofensa que o pecado faz a Deus deve ser salientada. Entretanto, as más notícias sobre o pecado e suas conseqüências sempre devem ser acompanhadas pelas boas notícias concernentes a Cristo – "o qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda iniqüidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tito 2:14).

Arrependimento

Ao pregarmos as boas novas concernentes a Cristo, devemos também pregar o arrependimento. Isso é muito negligenciado em nossos dias, quando muitos "crêem" em Cristo sem nenhuma experiência ou sem nenhum entendimento do arrependimento. Jesus ordenou que "em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos

pecados, em todas as nações" (Lucas 24:47). Ele mesmo pregou: "O reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho" (Marcos 1:15).

No dia de Pentecoste, o apelo de Pedro foi nestes termos, "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados" (Atos 2:38), ao passo que Paulo disse aos atenienses que Deus "ordena a todos os homens, em toda parte, que se arrependam" e continuou, proclamando a ressurreição de Cristo (Atos 17:18,31, VA).

Arrependimento é "mudança da mente" e "mudança de propósitos" (são empregadas duas palavras gregas diferentes). Não é apenas ter tristeza pelo pecado, mas abandonar o pecado como um modo de vida. Se eu sou apanhado em alta velocidade pelo radar da polícia, pode bem ser que eu fique triste. Mas, qual será o efeito a longo prazo? Posso pegar um mapa ou o sistema de satélites que mostra todos os radares rodoviários da Inglaterra, e tomar cuidado para que não me apanhem mais. Alternativamente, posso mudar meus hábitos no volante, passando a observar os limites da velocidade permitida, haja ou não radar. Somente esta última posição descreve a mudança na vida que se chama arrependimento.

O dom de Cristo em Seu trono

Mas, como se dá com o pecado, não se deve pregar o arrependimento à parte de Cristo. Por quê? Porque o

arrependimento é um dom do Seu trono! Pedro declara: "Deus com a sua destra o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão dos pecados" (Atos 5:31). Então, para pregar arrependimento, devemos declarar que Cristo ressuscitou e que foi "exaltado (por Deus) à sua destra" (VA). Outra vez, quando Pedro defendeu sua visita ao gentio Cornélio, seus críticos "apaziguaram-se, e glorificaram a Deus, dizendo: na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida" (Atos 11:18). Por conseguinte, mesmo quando chamamos os homens ao arrependimento, é essencial que apontemos para eles Cristo como a única fonte do arrependimento. O arrependimento e a fé são igualmente dons de Deus.

É devido Jesus Cristo ser a fonte de tudo o que necessitamos para a salvação – arrependimento e fé – e devido Ele dispensar estas coisas desde o "seu alto e sublime trono", que Paulo pode "pregar Cristo crucificado" como "poder de Deus, e sabedoria de Deus" (1 Coríntios 1:23,24).

Cristo é o poder de Deus porque Ele outorga a salvação por Sua soberana graça. Ele é a sabedoria de Deus porque Deus O escolheu sabiamente para que não houvesse "nenhum outro nome... dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12). Isso é boa notícia, pois nós mesmos nunca poderíamos salvar-nos do pecado e do juízo que esse merece.

3

DANDO AS BOAS NOVAS COMPLETAS

"Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas
da glória deste mistério entre os gentios,
que é Cristo em vós, esperança da glória;
a quem anunciamos,
admoestando a todo homem em toda a sabedoria;
para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo."
– Colossenses 1:27,28

No capítulo anterior começamos a explorar a pergunta: "Que significa pregar Cristo?" Relembramos que três importantes verbos gregos são vertidos por "pregar" em inglês, significando respectivamente "dar boas novas", "falar completamente" e "anunciar ou proclamar". Vimos primeiro que pregar Cristo é dar as boas novas concernentes a Cristo, a saber, que Ele veio para libertar Seu povo dos seus pecados. Isso exigiu que explicássemos tanto a natureza como as conseqüências do pecado e a necessidade de arrependimento e fé. Prosseguindo, consideremos agora as implicações da segunda palavra que significa pregar – falar completamente.

Muitos defendem "o evangelho simples", que exige que não passemos além dos pontos considerados no capítulo anterior. Paulo pregou apenas "o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" – não é verdade? (Atos 20:21). Não – pois a passagem citada prossegue e diz que Paulo anunciou "todo o desígnio de Deus" (Atos 20:27).

Na verdade, é preciso haver simplicidade em nossa proclamação de Cristo, pois o evangelho precisa ser compreensível para pecadores fracos e tolos como nós. Mas muitas vezes o que passa por simplicidade é superficialidade – na qual o evangelho é despojado do seu conteúdo bíblico e passa a focalizar as necessidades humanas antes que a glória divina. Isso devemos evitar.

A glória do evangelho

Em Colossenses 1:27 (citado no início deste capítulo) Paulo diz-nos que é da vontade e do propósito de Deus "fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério". Com "mistério" ele quer dizer o evangelho – outrora oculto, mas agora revelado (comparar com Efésios 3:4-7). Isso deve alertar-nos para o fato de que Deus não Se satisfaz com uma mensagem superficial. Ele quer que as pessoas ouçam, não apenas os rudimentos do evangelho, mas as suas riquezas e a sua glória!

Conseqüentemente, Paulo prossegue e diz: "a quem (Cristo) anunciamos" – empregando a palavra grega

katangello, que significa "falar ou dizer completamente". Noutras palavras, para pregar Cristo e agradar a Deus temos que dizer às pessoas tudo o que sabemos sobre a Sua obra de redenção.

Tampouco devemos tratar deste "evangelho completo" como se estivéssemos "fazendo cobertura de açúcar fino para o bolo" – um luxo para os que gozam ricas condições espirituais, mas realmente não essencial para a salvação. Paulo prega Cristo completamente para garantir que os seus ouvintes se tornem "perfeitos (isto é, completos) em Cristo Jesus". Certamente não pode haver nenhum "caminho curto" ou parcial, na questão da nossa redenção.

Uma solene responsabilidade

Sendo assim, uma seriíssima responsabilidade pesa sobre os que pregam a Palavra. Paulo diz a Timóteo: "Medita estas coisas... tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem" (1 Timóteo 4:15,16). Isso nos faz lembrar que pregar Cristo envolve doutrina. Não no sentido de discorrer sobre doutrina, mas no sentido de que a nossa pregação deve ser de caráter doutrinário – baseada num claro conceito sobre o propósito eterno de Deus, sobre a Pessoa de Cristo e sobre o significado da expiação.

Não ousamos pregar Cristo de maneira superficial. Devemos fazer justiça às "riquezas" e à "glória" – tanto da

Sua Pessoa como da Sua obra redentora. Isso toma tempo e esforço, mas qualquer coisa menos que isso desonra Cristo e desagrada a Deus. Quando Paulo fala sobre apresentar "todo homem completo", ele está falando sobre o dia em que todos teremos que "comparecer ante o tribunal de Cristo" para prestar contas da nossa vida e do nosso serviço (2 Coríntios 5:10-12). Em termos cortantes, ele acrescenta: "Conhecendo, pois, o terror do Senhor, persuadimos os homens" (VA).

Somos sérios?

Mas o temor do Senhor está fora de moda. Um dos grandes problemas do nosso tempo é a falta de seriedade na pregação. Está em voga a leveza e a facilidade de assimilação. A melhor pregação, dizem, é fácil de ouvir e suave para a mente. Não deve exigir muito do ouvinte.

Portanto, deve ser curta, polida e não muito profunda. A verdade sólida precisa ser entremeada com gracejos ou anedotas – bons bocados são mais importantes do que boa doutrina. Nossa pregação nunca deve fazer ninguém ficar bravo ou aborrecido, as pessoas vêm à igreja para experimentar o fator do bem sentir, não é? Esse tipo de pensamento é endêmico em muitas igrejas. Se havemos de pregar Cristo completamente, é preciso resistir a essa tendência.

Voltemos a Atos 20:26,27. Despedindo-se dos presbíteros de Éfeso, Paulo declarou-se "limpo do sangue de todos". Qual era a base da sua confiança? O fato de que

nunca deixou de lhes "anunciar todo o conselho de Deus". Certamente é isso que significa pregar Cristo completamente. Não temos o direito de limitar a nossa pregação de Cristo àquelas coisas que achamos que são aceitáveis aos homens. Essa abordagem produz uma mensagem centrada no homem – "o que Jesus pode fazer por você, se tão-somente você Lhe permitir que o faça". Tal pregação é uma miserável imitação do evangelho.

Como exemplo de pregação doutrinária, considerem a declaração introdutória de Hebreus – que, nestes últimos dias, Deus nos falou por meio de Seu Filho (Hebreus 1:1). Cristo é o último e supremo mensageiro – "o anjo do concerto", "o Anjo da Aliança" (Malaquias 3:1, ARA). Mas, que aliança é esta? É a aliança da graça e da misericórdia, estabelecida na eternidade entre o Pai e o Filho – mediante a qual Deus "nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos" (2 Timóteo 1:9).

Eleição

Não podemos pregar Cristo completamente sem declarar esta verdade – que Deus escolheu os Seus em Cristo "antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor" (Efésios 1:4). Por quê? Porque somente isso explica a natureza do plano divino de salvação e o motivo que está por trás desse plano. Sem

essa informação, as nossas questões mais profundamente fundamentais permanecem sem resposta.

Todavia, o referido ensino é anátema para muitos evangélicos hoje em dia, e é abordado com cautela até por muitos que subscrevem "as doutrinas da graça". Só porque a eleição é ensinada nas Escrituras, eles murmuram, não significa que temos que pregá-la abertamente.

Porventura devemos guardá-la como um "segredo de família" para aqueles que têm maturidade suficiente para recebê-la? Pergunto: dizer aos que não são salvos que Deus designou alguns para a vida eterna e outros não (Atos 13:48) isso não seria a receita certa para uma evangeli zação desastrosa?

Bem, se por evangelização você quer dizer persuadir os pecadores a "aceitarem" Cristo por um ato da vontade não regenerada deles, provavelmente você está certo. Mas se você quer dizer que é proclamar Cristo aos que estão mortos em ofensas e pecados, para que sejam despertados para a vida pelo poder do Espírito Santo, está errado. A doutrina da eleição humilha os pecadores orgulhosos (que de outro modo pensariam que podem salvar-se por si mesmos) e ela glorifica Cristo (que, só Ele, pode fazer). Ela (a eleição) é fundamental para o nosso entendimento geral da salvação pela graça.

A glória da graça de Deus

Naturalmente isso não significa que esta doutrina

sempre deve caracterizar proeminentemente a evangelização, como se fosse a coisa central. O cerne da mensagem de Paulo aos atenienses, por exemplo, era "Jesus e a ressurreição", e aos coríntios, "Jesus Cristo, e este crucificado" (Atos 17:18; 1 Coríntios 2:2) Tampouco estou dizendo que é imperativo mencionar a eleição em todo sermão ou em toda mensagem evangelística. Mas, se a nossa pregação não coloca a obra salvífica de Deus no contexto dos Seus conselhos eternos, não estamos pregando Cristo completamente – pois Ele é o Mensageiro da aliança eterna, sem a qual não haveria nem a graça nem a salvação.

E, se negligenciarmos esta dimensão eterna da salvação, não estaremos dando a Deus a glória devida a Seu nome. Pois, quando Paulo lista "todas as bênçãos espirituais" a nós concedidas pelo evangelho, ele inclui a eleição, a predestinação, a adoção, a aceitação no Amado e a redenção pelo sangue de Cristo – todas estas bênçãos destinadas a celebrar e a honrar "o louvor e glória da sua graça" (Efésios 1:3-7). É somente "a graça de Deus que traz salvação", e esta "graça de Deus se há manifestado a todos os homens" (Tito 2:11, VA). Não é uma coisa que Deus quer esconder, como se de algum modo Ele estivesse envergonhado de suas implicações. Não a esconderemos mais, se pregarmos Cristo completamente.

4

AS INSONDÁVEIS RIQUEZAS DE CRISTO

"A mim, o menor de todos os santos,
me foi dada esta graça de pregar aos gentios
o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo
e manifestar qual seja a dispensação do mistério,
desde os séculos oculto em Deus,
que criou todas as coisas."
– Efésios 3:8,9

O capítulo anterior propôs que para podermos "pregar Cristo" fielmente devemos pregá-lO completamente. Esse é o significado da palavra grega *katangello*, um dos três importantes termos traduzidos por "pregar" em nosso Novo Testamento inglês. Não pregar nada "senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Coríntios 2:2) poderia a princípio parecer restritivo, mas o nosso texto (acima) prova outra coisa. Se pregássemos Cristo durante um milhão de anos, nunca esgotaríamos o assunto. Por quê? Porque as Suas riquezas são insondáveis – demasiado colossais para serem exploradas plenamente.

Alguns temem que tal pregação exija demais dos nossos ouvintes. Se não a mantivermos simples, advertem eles, assustaremos aqueles que não tiveram instrução teológica.

Mas esses temores não têm base. A quem Paulo pregou as riquezas insondáveis de Cristo? Aos gentios iletrados teologicamente! Será que ele compartilhou a comunhão do mistério (o "evangelho secreto") só com alguma elite espiritual? Não, ele a compartilhou com "todos"! (Efésios 3:9, VA).

A mensagem das inexauríveis riquezas deve ser proclamada a todos, muito embora nem todos a aceitem (ver 2 Coríntios 2:14-16).

Todas as bênçãos espirituais

Quais serão, então, estes tesouros insondáveis, e onde se encontram, para que os preguemos? Em resposta, quero citar duas passagens do Novo Testamento onde as riquezas de Cristo são colocadas diante de nós.

Não quero dizer que essas riquezas residem somente em passagens bíblicas seletas. Não é assim. Onde quer que Cristo Se ache nas Escrituras, ali também estão Suas riquezas. Mas algumas passagens são particularmente úteis porque se lêem quase como inventários da Sua riqueza. Por conseguinte, elas nos mostram o que fixar quando procuramos esta riqueza "em todas as Escrituras" (Lucas 24:27).

Comecemos onde terminamos o capítulo anterior, em Efésios 1:1-14. Paulo atiça o nosso apetite no versículo 3, quando escreve: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo". Estas bênçãos espirituais formam uma parte substancial das riquezas de Cristo. Quais são elas?

A primeira é a eleição – "(O Pai) nos elegeu em (Cristo) antes da fundação do mundo" (versículo 4). Como é que isso nos enriquece? Romanos 8:28,29 explica. A escolha de Deus ou o reconhecimento de Seu povo é o fundamento de tudo o que possuímos e esperamos em Cristo. Envolve a nossa certeza da salvação (temos um destino preordenado), a nossa vocação, a nossa justificação e a nossa glorificação final. Além disso, essa é a base da nossa presente consolação e confiança, sabendo que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são *chamados* por seu decreto" (ou, *"segundo o seu propósito"*).

Predestinados em amor

Mas Efésios 1:4,5 não pára aí. Paulo explica o propósito para o qual fomos escolhidos – "para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; e (Deus) nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo". Deus nos escolheu para que fôssemos adotados como Seus filhos. Esse é o destino que Ele Se propôs para os pecadores

redimidos. Note-se que as Escrituras nunca empregam o verbo "predestinar" sem especificar o "destino" pretendido – neste caso, a posição de filhos e filhas de Deus segundo a nova aliança (Hebreus 2:10; 8:9-12). Examinada sob essa luz, o termo predestinação deixa de ser uma palavra "espantalho" e se torna a gloriosa garantia de que Deus cumprirá o Seu amoroso propósito para conosco.

Além disso, para adequar-nos a este propósito – como um meio para esse fim – Ele nos tornou "santos e irrepreensíveis" (ou, "santos e sem culpa", VA) por meio da obra expiatória de Cristo. E tudo isso Ele leva a efeito "em amor", pois o amor é o manancial de tudo o que Deus faz por Seu povo.

Quão grandes as riquezas temos aqui! Amados com amor eterno; escolhidos por imerecida graça; revestidos da justiça de Cristo; adotados e favorecidos como filhos de Deus; e destinados à glória eterna! Eis aí temas que enchem as nossas bocas e empenham os nossos corações.

Riquezas da graça

Os versículos subseqüentes (Efésios 1:6-14) espalham diante de nós "as riquezas da sua graça" – em conformidade com as quais somos "aceitos no amado", redimidos pelo sangue de Cristo, e temos perdão dos nossos pecados. Esta graça não é apenas estendida a nós, mas é esbanjada sobre nós – "Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência". Além disso, por meio desta

mesma graça, Deus nos revela o Seu propósito supremo, a saber, "congregar em Cristo todas as coisas" (versículo 10).

Você terminou, Paulo? Nada disso! Pois o ponto culminante desta cascata de glória é revelado agora – (nós) os filhos de Deus "fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade" (versículo 11). E para coroar tudo, fomos "selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança..." (versículos 13, 14).

Parece-me que estes versículos de Efésios definem as riquezas de Cristo de um modo que convida o pregador a examiná-las mais a fundo e seus ouvintes a se aquecerem com seu calor e com sua luz. Treze bênçãos estão registradas aqui, cada uma das quais oferece ilimitado escopo para adoração, exploração e deleite – "para louvor e glória da sua graça (de Deus)".

Toda a plenitude

Uma segunda passagem que delineia as riquezas de Cristo é Colossenses 1:9-23. Mais uma vez só podemos esboçar as boas coisas aqui desfraldadas. A passagem começa de modo prático, quando Paulo ora por seus leitores no sentido de que sejam "cheios do conhecimento da sua vontade (de Deus), em toda a sabedoria e inteligência espiritual" (versículo 9). Os crentes compartilham a riqueza que têm em Seu Mestre e Senhor conhecendo a vontade

do Pai – em toda a sua plenitude, sabedoria e discernimento espiritual. "Aceitai o meu ensino, e não a prata", clama Salomão, "e o conhecimento, antes do que o ouro escolhido. Porque melhor é a sabedoria do que jóias, e de tudo o que se deseja nada se pode comparar com ela" (Provérbios 8:10,11.

Em Cristo, diz-nos a Escritura, "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Colossenses 2:3). Faremos bem em esquadrinhar e expor essas riquezas em nossa pregação, pois, muito além do seu valor intrínseco, elas nos habilitarão a viver ou a "andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus" (1:10). Queira o leitor ler a seqüência para ver que estas riquezas do conhecimento dão surgimento a força (conforme o glorioso poder de Deus), paciência, alegria e ação de graças (versículos 11 e 12).

Cabeça da Igreja

E Paulo só começou! No versículo 12 descobrimos que o Pai "nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz". O versículo 13 assevera que Deus nos "tirou da potestade das trevas e nos transportou para o reino "de Cristo", "em quem temos a redenção pelo seu sangue". Que riqueza temos aqui!

Depois, numa passagem que excita as nossas emoções, nos versículos 14-20, as glórias completas da Pessoa e da

obra de Cristo irrompem sobre nós. Ele é "a imagem do Deus invisível", o "primogênito de toda a criação". Ele é Aquele por meio de quem e para quem todas as coisas foram criadas, e em quem todas as coisas subsistem. Ao mesmo tempo, continua Paulo, ele é "a cabeça do corpo da igreja; é o princípio e o primogênito dos mortos, para que em tudo tenha a preeminência, porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse" (versículos 18,19). A referida "plenitude" nada menos é que a da própria Deidade (2:9). Nunca seria possível tornar-se mais rico que isso!

Tendo acesso às riquezas

Uma terceira passagem que poderíamos buscar é Hebreus 1:1-4, mas o espaço no-lo proíbe. O ponto que desejo reiterar é que passagens como estas não devem ser consideradas como o cofre do tesouro propriamente dito (embora o seja em parte), mas, antes, como a chave do cofre. Podemos tomar muitos dos numerosos temas espalhados nestas passagens, qualquer deles, e explorá-los através das Escrituras, usando nenhuma coisa mais complicada que a nossa memória e a nossa concordância, ou os *sites* da Bíblia em nosso computador.

Por exemplo, as palavras "riqueza(s)" ou "tesouro(s)" mostrarão dezenas de referências, incluindo passagens como Provérbios 8:18 – "Riquezas e honra estão comigo; sim, riquezas duráveis e justiça", e Isaías 45:3 – "(Eu) te

darei os tesouros das escuridades, e as riquezas encobertas, para que possas saber que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome".

Ambos os textos citados nos providenciam com um frutífero ponto de partida para pregar Cristo, unicamente em Quem se acham todas as verdadeiras riquezas e toda honra, e em Quem os tesouros do evangelho aguardam nossa descoberta.

5

PREGANDO A EXPIAÇÃO

"E eu, irmãos, quando fui ter convosco,
anunciando-vos o testemunho de Deus,
não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria.
Porque nada me propus saber entre vós,
senão a Jesus Cristo, e este crucificado."
– 1 Coríntios 2:1,2

Estivemos explorando o que significa "pregar as insondáveis riquezas de Cristo" (Efésios 3:8), mas não podemos partir para outro assunto sem tratar especificamente da obra expiatória do nosso Senhor. Quando os apóstolos pregavam Cristo, eles proclamavam Sua morte, Sua ressurreição e Sua exaltação – e estas coisas estão em primeiro lugar entre as riquezas que nos são disponíveis em Cristo. Neste capítulo só temos espaço para considerar a morte de Cristo.

Cristo crucificado

Quando Paulo levou o evangelho a Corinto, nada "se

propôs" pregar, "senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (texto acima). "Nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos", declarou ele. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus" (1 Coríntios 1:23,24). Ninguém imagine que Paulo estreitou sua mensagem quando foi para Corinto. Ao contrário, a obra expiatória de Cristo tem tão amplas implicações que abrange os tesouros infinitos da graça.

Paulo poderia ter conquistado o favor dos gregos se adornasse (e diluísse!) a sua mensagem com filosofia humana. Poderia ter obtido respeito entre os judeus se misturasse o seu evangelho da nova aliança com o judaísmo. Mas ele se recusou a paparicar o orgulho religioso ou intelectual do homem. Não tinha nenhum desejo de diminuir "o escândalo da cruz" (Gálatas 5:11). Por quê? Porque somente a mensagem da cruz poderia salvá-los e levá-los a experimentar "o poder de Deus e a sabedoria de Deus". Isso é altamente relevante para a nossa próprio situação. Muitos acham que o evangelho só pode ter sucesso se acomodar os desejos do mundo. Será que as pessoas querem estímulo intelectual? Então dê filosofia a elas. Desejam ritual? Modele então o seu culto pelo modelo mosaico do tabernáculo e do sacerdócio. Será que elas querem alívio emocional e cura interior? Dê-lhes então estímulos psicológicos – música, dança, participação – o que quer que funcione para elas. Mas Paulo sabia melhor que isso. Ele

pregava uma mensagem que escandalizava o mundo – e, contudo, atraía os que eram "chamados" pelo evangelho e pelo Espírito de Deus.

Quem matou Cristo?

Que devemos pregar, então, concernente à morte de Cristo? No mínimo, as seguintes cinco coisas: primeiramente, que o próprio Deus foi responsável pela crucifixão. No dia de Pentecoste, Pedro declarou: "Aquele que foi entregue pela intenção cuidadosamente planejada e pelo pré-conhecimento de Deus, vocês tomaram com mãos fraudulentas, crucificaram e mataram" (Atos 2:23, tradução direta). Claro está que os judeus e os romanos daquele tempo tiveram culpa. Mas a sua culpa era representativa – é culpa ligada à humanidade em geral, não a alguma raça ou nação em particular. Coisa mais importante, porém, a cruz foi a "intenção cuidadosamente planejada" por Deus. Jesus Cristo foi "o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Apocalipse 13:8). Sua morte como sacrifício pelo pecado foi determinada antes de existir nenhum judeu e nenhum romano – nos conselhos eternos de Deus. A crucificação de Cristo não foi "morte por desastre", nem poderia, em última instância, provir de atos humanos, não importa quão ímpios e perversos. Zacarias deixa isso claro: "Ó espada, ergue-te contra o meu Pastor e contra o varão que é o meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos: fere o Pastor, e espalhar-se-ão as ovelhas"

(Zacarias 13:7; cf. Marcos 14:27). O justo juízo de Deus caiu sobre Ele.

Por que foi necessário que Cristo morresse?

Em segundo lugar, a nossa pregação deve explicar por que Jesus foi condenado a morrer dessa maneira. Já temos tocado na resposta. Cristo foi "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29). Falando com simplicidade, Cristo foi um substituto inocente, sacrificado para fazer expiação (satisfação) pelo pecado. De Abel em diante, sacrifícios de animais eram oferecidos para aplacar a justa ira de Deus e expiar o pecado humano. O simbolismo chegou ao zênite sob a aliança mosaica, quando, dia após dia, ano após ano, uma procissão interminável de animais morria para conter a ira de Deus. Princípios imutáveis estavam envolvidos – um animal sem culpa morria no lugar do pecador humano para propiciar a ira de Deus contra o pecado e libertar o transgressor da culpa e do castigo. É isso que significa "expiação". O Velho Testamento fala profeticamente de Cristo: "Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas dores sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Isaías 53:4,5).

A idéia de expiação é fundamental para o nosso acesso

a Deus. Sem ela não podemos nem entrar em Sua presença nem gozar nenhuma relação com Ele – pois somos pecadores e Ele é santo além da nossa possibilidade de compreensão. "Mas agora em Cristo Jesus, nós, que antes estávamos longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto" (Efésios 2:13). Se conhecer Deus é a suprema alegria do homem, então a obra expiatória de Cristo, que torna possível tal conhecimento, seguramente é riqueza inexcedível. Paulo expressa o ponto da seguinte maneira: "Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela sua pobreza enriquecêsseis" (2 Coríntios 8:9; ver também 5:21).

Vitória sobre o pecado e satanás

Em terceiro lugar, os crentes não são somente reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, mas também lhes é dada a vitória sobre o pecado. Pedro escreve a respeito de Cristo dizendo que Ele mesmo "levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas pisaduras fostes sarados" (1 Pedro 2:24). Nós nos empobreceremos se pusermos um ponto final depois da palavra "madeiro". Pois Cristo, não somente morreu por nossos pecados, mas também nos levou, a nós, à crucifixão com Ele. "O nosso homem velho foi com ele crucificado, para que... não sirvamos mais ao pecado, porque aquele que está morto está justificado do pecado" (Romanos 6:6,7).

Por meio de qual poder somos libertados do pecado? Pelo poder do Espírito de Cristo em nós – "Já estou crucificado com Cristo", declara Paulo. "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20). A morte de Jesus também traz vitória sobre satanás, porquanto lemos que o Filho de Deus Se fez homem "para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo" (Hebreus 2:14; ver também Colossenses 2:15). Paulo desenvolve a aplicação prática destas verdades libertadoras em Romanos 6:11-22, culminando com as palavras: "Libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna".

Nosso grande sumo sacerdote

Em quarto lugar, devemos proclamar Cristo como o nosso grande sumo sacerdote. Ele não foi somente o cordeiro sacrificial, foi também Aquele que Se ofereceu voluntariamente para nos redimir – "Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção" (Hebreus 9:12).

O ofício de Cristo como sumo sacerdote abre um veio de puro ouro para o crente – um veio que o pregador deve explorar com transbordante gozo. Em Seu sublime papel de sumo sacerdote, Cristo é o nosso representante (Hebreus 2:9), o nosso precursor (Hebreus 6:20), o nosso pacificador (Colossenses 1:20), o nosso intercessor (Hebreus 7:25), a nossa

aceitação (Ele nos faz aceitáveis) (Efésios 1:6), a nossa santificação (Hebreus 10:10) e Aquele que nos aperfeiçoa para sempre (Hebreus 10:14). Além disso, quando Jesus compareceu à presença inefável de Deus todo-poderoso, levando Seu próprio sangue, abriu caminho para nós seguirmos – "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus... pelo novo e vivo caminho ... e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus... cheguemo-nos..." (Hebreus 10:19-22). Nenhuma riqueza poderia ser maior.

A herança eterna

Em quinto lugar, devemos declarar que a morte de Cristo outorga aos seus eleitos uma herança eterna. Hebreus descreve este incalculável benefício: "(Ele) é Mediador dum novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna. Porque onde há testamento necessário é que intervenha a morte do testador. Porque um testamento tem força onde houve morte; ou terá ele algum valor enquanto o testador vive?" (Hebreus 9:15-17). A herança em questão é "o reino preparado (para o povo de Deus) desde a fundação do mundo" (Mateus 25:34). Mas, embora preparado desde antes do início do tempo, não poderia ser possuído a não ser que (e até que) Cristo fosse glorificado na morte.

Portanto, a cruz de Cristo é o passaporte para este Reino. Sua cidadania não pode ser adquirida com "coisas corruptíveis, como prata ou ouro", mas somente com "o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado" (1 Pedro 1:18,19). Foi Ele que, "por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção" (Hebreus 9:12). São essas as riquezas da morte expiatória, santificadora e redentora de Cristo. Não nos atrevemos a pregá-las? E que dizer das riquezas da Sua ressurreição, da Sua ascensão, da Sua entronização, do Seu poder, da Sua glória, do Seu triunfo...? Lamento, mas o tempo e o espaço proíbem prosseguir. Mas uma coisa é certa: Jamais faltará aos que pregam Cristo completamente uma mensagem que fará estremecer o coração dos pecadores necessitados.

6

PROCLAMANDO O SALVADOR

"Destruindo os conselhos,
e toda altivez que se levanta
contra o conhecimento de Deus,
e levando cativo todo entendimento
à obediência de Cristo."
– 2 Coríntios 10:5

Nos capítulos anteriores consideramos duas das palavras gregas traduzidas por "pregar" em nossas Bíblias inglesas – uma significando "dar ou dizer boas novas", "evangelizar" e a outra "falar ou dizer completamente". Vimos como estas palavras se relacionam com a pregação de Cristo. O terceiro verbo grego comum traduzido por "pregar" significa anunciar ou proclamar (como arauto), e tem uma história interessante. Nos tempos do Novo Testamento e antes, o arauto tinha várias funções. Uma delas era convocar uma assembléia com o propósito de fazer um pronunciamento. Outra era agir como intermediário entre forças opostas – por exemplo, comunicar termos de rendição a um exército mobilizado para a batalha e trazer de volta sua

resposta. "Acreditava-se que os arautos eram mensageiros dos deuses. Levavam bastões; suas pessoas eram invioláveis, e eles eram considerados como mensageiros de Júpiter, e sob sua proteção" (léxico grego de Liddel and Scott).

Uso cristão

Quando a Igreja Primitiva precisou de uma palavra para descrever a pregação do evangelho, escolheu (entre outros) um verbo derivado de "arauto". Sem dúvida a sua principal intenção era transmitir a idéia de "proclamação", mas as outras funções do arauto também são relevantes, como veremos.

Em primeiro lugar, então, para pregarmos Cristo devemos proclamar Cristo. Até hoje se usam arautos, às vezes, em ocasiões cerimoniais, para anunciarem um monarca ou outro dignitário. O toque de trombetas saúda a sua chegada, silenciando a prosa ociosa e atraindo todos os olhares para aquele que é proclamado. Assim é com Cristo. O propósito da pregação é proclamar como arauto o Seu aparecimento, "levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo" (2 Coríntios 10:5). Este, ao menos, é o efeito que pregar Cristo deve ter sobre os nossos ouvintes, a saber, fazer com que eles focalizem a sua atenção na Pessoa gloriosa de Cristo e em Sua obra salvadora.

Não é tarefa do arauto convidar pessoas para uma discussão, um fórum ou um debate. Tampouco é entreter os ouvintes com música ou exibir a sua virtuosidade

instrumental. A função do arauto é anunciar que uma pessoa de grande autoridade ou de alta posição está diante da multidão reunida. Assim também, quando anunciamos Cristo, o propósito é um só – fazer com que todos olhem para Ele e esperem as Suas palavras. O pregador deve ter um desejo genuíno de que "(Cristo) cresça e que (nós) diminuamos" (João 3:30). Paulo pôde dizer: "Não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus" (2 Coríntios 4:5). Embora prestemos serviço de lábios a este princípio, nem sempre o observamos na prática. O pregador é constantemente tentado a fazer promoção de si mesmo de várias maneiras – a exibir sua habilidade e erudição ou a agradar a audiência. E a tentação aumenta quanto mais sucesso temos. Requer grande graça e humildade pregar verdadeiramente Cristo, e não a nós mesmos. Entretanto a diferença se mostrará por si mesma.

Sons incertos

Mas, que será, "se a trombeta der sonido incerto"? (ou, ARA: "som incerto", 1 Coríntios 14:8)? Lamentavelmente, isso acontece com freqüência. Há muita pregação que não tem clareza porque o pregador receia "anunciar todo o conselho de Deus" (Atos 20:27). Paulo dá a idéia de que este era um problema mesmo no seu tempo, quando pergunta aos gálatas: "Persuado eu agora a homens ou a Deus? Ou procuro agradar a homens? (Gálatas 1:10. Ver também sua

discussão com Pedro em Gálatas 2:11-14). Muitíssimas vezes "o temor do homem armará laços" (Provérbios 29:25). Temos medo de falar claramente para não se dar o caso de escandalizarmos pessoas com doutrinas que põem abaixo o orgulho humano e exaltam o poder soberano de Deus.

Alguns anos atrás me pediram que lesse os originais de um artigo sobre o ministério pastoral encaminhados para publicação. O pretenso escritor que os escreveu sugeria que um pastor designado para uma nova igreja não deveria mencionar as doutrinas da graça durante cerca de dois anos, e que deveria apresentá-las gradativamente. De outro modo, dizia ele, as pessoas rejeitariam o ensino e sairiam da igreja (esses originais foram rejeitados!). Mas a nossa tarefa como arautos não é agradar aos homens, e sim promover o conhecimento de Cristo. Claro está que isso deve ser feito de maneira gentil e bondosa, "com toda a longanimidade e doutrina" (2 Timóteo 4:2). Contudo, também deve ser feito com grande clareza e com autoridade bíblica.

Relacionando tudo com Cristo

Mas talvez mais freqüentemente a pregação produza "som incerto" porque o próprio pregador está confuso sobre a necessidade de proclamar Cristo ou sobre como fazê-lo. Naturalmente, estes capítulos visam ajudar a resolver qualquer falta de clareza nestas coisas. Em termos práticos, quando preparamos um sermão, um estudo bíblico ou uma aula para a Escola Dominical, sempre

devemos perguntar a nós mesmos o que a mensagem vai ensinar, aos que a ouvirão, sobre Cristo e sobre a necessidade que eles têm dEle – Sua Pessoa, Sua obra redentora, Sua graça, Seu amor, Sua compaixão, Seu exemplo e muito mais.

Quão cedo, na mensagem, devemos introduzir Cristo? Quão logo faremos menção do Seu nome? Quão rápido Ele captará a atenção dos nossos ouvintes? Se o nosso tópico for de natureza histórica, como o vincularemos à história da redenção? Se o nosso assunto for "culto", quão central será Cristo feito quanto ao nosso conceito de "serviço divino"? Se estamos tratando de eclesiologia, então como se relaciona com a Igreja o conteúdo da nossa mensagem como " o seu corpo (de Cristo), a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (Efésios 1:23)? Se a nossa mensagem trata da vida prática ou da moralidade ou da vida familiar, será que vemos Cristo como a fonte de sabedoria – e Seu Espírito em nós como o poder que nos habilita – em todos os assuntos? E poderíamos continuar falando disso. Se queremos guiar bem os nossos ouvintes, a agulha da bússola dos nossos pensamentos deve estar constantemente voltada para Cristo.

A autoridade dada pelo Espírito

Que dizer, porém, dos outros aspectos da função do arauto? Primeiro, na sociedade pagã os arautos eram considerados mensageiros dos deuses, revestidos da proteção e da autoridade dessas divindades. Será que os escritores do Novo Testamento tinham isso em mente quando falavam

em "anunciar (como arautos) o evangelho"? Não sabemos. Mas certamente eles acreditavam que aqueles que pregam o evangelho o fazem com a plena autoridade de Deus. Pedro escreve sobre "aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho" (1 Pedro 1:12). Que sabemos nós, em nossa pregação atual, dessa autoridade divina dada pelo Espírito? Tocando mais direto o ponto, como podemos sabê-lo? Por certo a resposta é que em nossa pregação devemos deixar que o Espírito de Deus fale por meio da Sua Palavra.

Muitíssimas vezes a nossa pregação é uma declaração das nossas crenças e opiniões. Essas podem ser doutrinariamente impecáveis, mas se deixarmos de permitir que a mensagem brote das próprias Escrituras, falaremos baseados em nossa autoridade pessoal, não na de Deus. Além disso, deve ficar claro para os nossos ouvintes que o nosso ensino surge naturalmente da Palavra de Deus – do contrário pode acontecer que eles percebam a sabedoria do homem, não a voz de Deus. É, pois, vital que, antes de pregarmos, meditemos profundamente nas passagens bíblicas envolvidas. Nós mesmos temos que ouvir antes de nos atrevermos a falar – temos que ouvir perguntando-nos coisas como estas: que é que o Senhor nos quer dizer por meio desta passagem das Escrituras? Onde, na passagem, Cristo é delineado? Como realizará o Espírito de Deus a Sua obra de glorificar Cristo tomando e declarando as coisas de Cristo primeiro ao pregador e depois ao povo? (João 16:14). Se o Espírito não nos falar, a autoridade da nossa pregação será humana, não divina.

Termos de rendição

Finalmente, o arauto da antigüidade levava mensagens entre os exércitos em guerra – e sobre tudo mais os termos de rendição oferecidos ao adversário mobilizado. Assim também o pregador do evangelho transmite os termos de rendição impostos por Deus aos pecadores rebeldes. "Arrependam-se dos seus pecados e creiam no Senhor Jesus Cristo, e vocês serão salvos!" Tratemos de entender que Deus estabelece os termos. O evangelho de Cristo é um convite (Mateus 11:29,30), porém também é uma ordem (Atos 17:20,21). Nunca é um compromisso com o mundo ou com o pecado, nem com as inclinações do coração e da mente rebeldes. Ele exige rendição total, obediência ao evangelho e submissão à justiça de Deus (1 Pedro 1:2; Romanos 10:3).

Em nossa pregação devemos arrazoar com os pecadores (Atos 24:25) e responder suas perguntas (1 Pedro 3:15), mas não devemos debater com eles como se a verdade do evangelho fosse negociável. Tampouco devemos agir como que pedindo desculpas ou sendo evasivos com relação ao que Deus requer em termos de fé e submissão ao evangelho. Os homens devem vir ao evangelho nos termos de Deus, não nos seus próprios, e é responsabilidade do pregador tornar esses termos claros como cristal. Quando eles vierem nesses termos, verão que a graça de Deus é imensa, além dos seus sonhos mais anelantes. E, como já vimos, começarão a descobrir as insondáveis riquezas de Cristo.

7

JESUS PREGOU CRISTO?

"Então abriu-lhes o entendimento para
compreenderem as Escrituras. E disse-lhes:
Assim está escrito, e assim convinha
que o Cristo padecesse,
e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos,
e em seu nome se pregasse
o arrependimento e a remissão dos pecados,
em todas as nações, começando por Jerusalém."
– Lucas 24:45-47

Nosso estudo sobre "pregar Cristo" tem-se concentrado no que podemos chamar "pregação apostólica", isto é, na pregação posterior ao Pentecoste. Este deve ser o nosso modelo principal, porque hoje vivemos na era subseqüente à vinda do Espírito Santo. Os discípulos estavam realmente proibidos de começar o seu ministério de pregação enquanto não viesse sobre eles a "promessa do Pai" – o dom do Espírito (Atos 1:4,5). Só então puderam eles ser testemunhas efetivas de Cristo e do Seu evangelho. Mas isso não significa que a pregação pré-Pentecoste não tem suporte em nosso

assunto, pois tanto João Batista como o próprio Jesus pregaram Cristo. Consideremos primeiro e resumidamente o testemunho de João. Se perguntássemos, "Que é que João pregava?", muitos cristãos responderiam: "Ele pregava o arrependimento". É-nos dito que João "percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados" (Lucas 3:3). Em harmonia com essa mensagem, ele deu aos que procuravam o seu batismo claras e práticas instruções concernentes aos estilos de vida dos arrependidos (Lucas 3:10-14). Acresce que o batismo de João não era o batismo cristão. Sabemos disso pela experiência de Paulo em Éfeso – onde ele encontrou alguns discípulos que só conheciam o batismo de João e os rebatizou "em nome do Senhor Jesus" (Atos 19:1-7).

Não obstante, quando lemos o relato do Novo Testamento, fica claro que João veio para preparar o caminho do nosso Senhor em cumprimento da profecia de Isaías (Lucas 3:4-6). Ele foi enviado "para que testificasse da luz" – e essa luz era Cristo (João 1:8,15). Ele pregou o arrependimento pela mesma razão pela qual Jesus pregou o arrependimento, qual seja, porque o reino de Deus estava próximo (Marcos 1:15). Naturalmente estava próximo na pessoa de Jesus de Nazaré. Por conseguinte, João pregou Cristo como o Senhor que viria, o Filho de Deus – Aquele que teria preferência acima dele e que batizaria, não com água, e sim com o Espírito Santo e com fogo. Alguém que iria crescer enquanto que João iria diminuir. Acima de

tudo, ele identificou memoravelmente Jesus como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29-36). Não há como questionar que João Batista pregou Cristo.

Que foi que Jesus pregou?

Mas, que dizer do próprio Jesus? Seus pronunciamentos constituem o maior corpo de ensino e de pregação feitos por uma única pessoa no Novo Testamento, e é evidente que não podemos ignorá-lo! Apesar de ter sido um ministério pré-Pentecoste, o Espírito Santo veio sobre Jesus em Seu batismo. Diversamente dos Seus discípulos, Ele não teve necessidade de esperar por aquela unção. E então, o que foi que Jesus pregou? Pode parecer estranho dizer que Ele pregou sobre Si mesmo, mas essa é exatamente a conclusão a que somos levados! Para demonstrar esta afirmação, quero considerar abreviadamente (1) o cumprimento da profecia; (2) as passagens "Eu sou" do Evangelho de João; (3) o Sermão do Monte; (4) as parábolas; e (5) a Grande comissão.

Em primeiro lugar, Jesus declarou-Se o Messias prometido, reivindicando cumprir a profecia do Velho Testamento. Talvez o melhor exemplo que se conhece disso seja o discurso feito por Ele no caminho de Emaús onde, "começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras" (Lucas 24:27). Temos mais coisas para dizer acerca deste incidente quando considerarmos o tema "pregar Cristo", com base

no Velho Testamento, mais adiante neste pequeno livro. Contudo, uma declaração igualmente importante foi feita logo no início do ministério público de Jesus, na sinagoga de Nazaré. Ele lê Isaías, capítulo 61, e declara: "Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos" (Lucas 4:17-21). Ele é mais direto ainda com a mulher samaritana, em João, capítulo 4. "Eu sei que o Messias... vem; quando vier, nos anunciará tudo", declarou ela. "Eu o sou, eu que falo contigo", replicou o Salvador.

Estas alegações nada ambíguas de que Ele era "o Ungido" da profecia do Velho Testamento constituíram-se numa auto-proclamação de enorme significação. Pedro falou por todos os discípulos quando testificou: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mateus 16:16). Seus inimigos foram igualmente tocados por tais alegações, mas reagiram com ódio assassino e com acusações de blasfêmia (Lucas 4:23-30).

Em segundo lugar, Jesus pregou Seu próprio nome fazendo uma série de afirmações de tirar o fôlego, registradas por João nas famosas passagens "Eu sou". Jesus declarou-Se "o pão da vida", que dá vida à alma (João 6:15); "a luz do mundo", que dispersa as trevas do pecador (João 8:12); "a porta da salvação" (10:9); "o bom pastor", que dá Sua vida pelas ovelhas (10:11); "a ressurreição e a vida", que dá a vida eterna e a redenção final a todos os que nEle crêem (11:25,26); "o caminho, a verdade e a vida" através de quem, somente, uma pessoa pode se aproximar e conhecer o Deus vivo (14:6); e "a videira verdadeira", em quem os

crentes vivem e frutificam (João15:5). Acaso pode haver pregação de Cristo mais clara do que essa? Certamente que não, pois com esses pronunciamentos e com os sermões construídos ao redor deles, Jesus delineia todo o Seu ministério de reconciliação dos pecadores com Deus e de dádiva da vida eterna a eles.

O Sermão do Monte

Voltemo-nos agora para uma espécie muito diferente de pregação – o famoso Sermão do Monte pregado por Jesus (Mateus, capítulos 5-7). À primeira vista, este sermão (o mais longo registrado no Novo Testamento) é um manual da vida cristã, embora contenha claramente também elementos evangelísticos. Onde, então, Cristo é pregado nessa mensagem? A resposta se acha na conclusão do sermão, onde Cristo conta a conhecida parábola das duas casas, uma construída sobre a rocha, outra sobre a areia. Qual é o objetivo dessa história? Ouçamos o pregador: "Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha... E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia" (Mateus 7:24-27).

Jesus ensina aqui a natureza fundamental do que Ele chama "estas minhas palavras", alicerçando todo o edifício da moralidade e da vida prática do cristão em Sua suprema autoridade pessoal. Raro é que a importância disto para a

vida cristã seja apreciada plenamente. Uma vida construída sobre o ensino de Cristo neste sermão é segura porque se submete à autoridade do Filho de Deus. Uma vida não construída dessa forma está sujeita a perder-se, sejam quais forem as outras regras do viver que acaso siga. Mateus 7:21-23 esclarece que chamar a Cristo "Senhor" não é suficiente – também precisamos *obedecer-Lhe* como Senhor.

Por exemplo, como Mateus 5:21,22 demonstra, uma pessoa cuja regra de vida não abrange mais que uma obediência externa ao mandamento "Não matarás" e que ignora a advertência de Cristo contra o ódio ou o desprezo por outros, está edificando sobre a areia, não sobre a rocha. Quem impecavelmente evita o adultério mas cobiça em seu coração é condenado, não recomendado (Mateus 5:27-30). É bom desfazer-nos do roubo e da ganância, mas, se não formos além e não agirmos generosamente para com os necessitados, estaremos desobedecendo a Cristo e edificando sobre a areia (Mateus 5:42). Portanto, no Sermão do Monte Jesus assevera a Sua suprema autoridade pessoal sobre todas as questões de moralidade e de conduta – e põe às claras as conseqüências de não darmos ouvidos à Sua instrução divina. Isso é "pregação centralizada em Cristo" em seu nível mais prático e mais poderoso.

As parábolas

As parábolas de Jesus compõem uma parte importante do Seu ensino. Em certas ocasiões parece que Ele ensinava

exclusivamente por parábolas (Mateus 13:14), ao passo que noutras Ele empregava parábolas para dar a entender lições que também expunha com linguagem clara e direta (como nas parábolas das casas construídas sobre a rocha e sobre a areia, e sobre o juiz injusto). Um significativo número de parábolas "prega Cristo" diretamente. A parábola dos lavradores maus na vinha descreve a rejeição de Cristo pelos judeus e o homicídio cometido contra o Filho de Deus. Diversas parábolas retratam Sua segunda vinda e advertem do Juízo, como as parábolas dos talentos, da figueira, das virgens prudentes e as loucas, e das ovelhas e os bodes.

Na parábola do joio é o Filho do homem que primeiro semeia a semente e mais tarde envia Seus anjos para colherem do Seu reino tudo o que causa escândalo" (Mateus 13:37,41). Provavelmente, a parábola mais famosa seja a do semeador que saiu a semear (Mateus 13:3-23; também em Marcos e em Lucas). À primeira vista, ela parece se referir a qualquer semeador da Palavra e não faz nenhuma menção específica de Cristo. Todavia, que é "a palavra" senão a mensagem do reino de Cristo? A parábola toda, diz Jesus, relata "os mistérios do reino dos céus", e prossegue dizendo que estes mistérios estavam sendo revelados aos Seus discípulos de um modo como não tinham sido revelados previamente a "muitos profetas e justos" (Mateus 13:11,17). É evidente que Jesus se apresenta aqui como Aquele que revela estes "segredos do reino" aos Seus, e Hebreus 1:2 faz-nos lembrar: "Deus... falou-nos nestes últimos dias pelo Filho".

Em Lucas, capítulo 15, Cristo é representado pela mulher que procura diligentemente a sua moeda perdida; o pastor que busca e acha a sua ovelha perdida, e até "o pai eterno" (Isaías 9:6) – Aquele que dá as boas-vindas a seu filho rebelde. Ele é o negociante de Mateus 13:45,46 que (segundo uma interpretação) dá tudo o que tem para adquirir a pérola de grande preço, a saber, Sua igreja. Ele é o noivo na festa de núpcias (Mateus 22:1-14) – e nisso poderíamos continuar. Quer direta quer indiretamente, todas as parábolas nos apresentam a Pessoa, a obra e a glória do Senhor Jesus Cristo.

A Grande Comissão

Finalmente, em Sua última ação aqui na terra, o Cristo ressurreto deu à Sua Igreja sua "ordem de marcha" – a Grande Comissão. Mas, que é essa comissão? Lucas no-lo diz: "Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos, e em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações..." (Lucas 24:45-47).

Esses versículos de novo testificam, claro, que as Escrituras do Velho Testamento olham para o futuro, para a obra de Cristo. Mas também demonstram que a tarefa da Igreja neste mundo é pregar o arrependimento e o perdão em nome de Cristo. Que será que isso significa? Mateus

28:18-20 no-lo elucida. Devemos "fazer discípulos" de todas as nações, ensinando-lhes "todas as coisas" que Cristo ordenou. A única maneira de fazer isso é pregar Cristo em Sua plenitude, como Salvador, Senhor e Rei que vem. Por conseguinte, a Grande Comissão pode ser descrita como a grande proclamação de Cristo. Ele não disse a Seus discípulos que pregassem filosofia, ou moralidade e a lei – eles deveriam pregá-lO, pregar Sua obra salvífica e a glória do Seu reino. Onde quer que Cristo for pregado e Seus discípulos forem reunidos de todas as nações, haverá uma filosofia cristã ou uma perspectiva cristã do mundo; haverá justiça moral; e a lei de Deus será obedecida de coração. Contudo, se não priorizarmos a pregação de "Cristo, e este crucificado", nenhuma destas coisas ocorrerá.

8

PREGANDO CRISTO A CRISTÃOS

"A quem anunciamos,
advertindo a todo homem,
e ensinando a todo homem em toda a sabedoria;
para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo."
– Colossenses 1:28

Passamos agora a dar atenção a um assunto que em alguns aspectos é contencioso – será que precisamos pregar Cristo aos que já são crentes? Alguns assinalarão que muitas referências bíblicas a pregar Cristo acham-se no contexto de missões ou de evangelização. Evidentemente, para pregar o evangelho às pessoas não salvas temos que pregar Cristo. Entretanto, precisariam os crentes de algo diferente?

Toquei nesta questão no primeiro capítulo desta pequena obra, e expus um ponto preliminar baseado em Hebreus 12:1,2. Se os crentes devem correr "com paciência ... olhando para Jesus", certamente será preciso ajudá-los e exortá-los a fazê-lo. E como podemos fazer isso sem pregar Cristo? – pois Ele é tanto o autor da fé como o seu consumador, e nós ficamos completos nEle (Colossenses

2:10). Consideremos isso mais um pouco.

Dando relevo a Cristo

Sem lugar para dúvida, a Epístola aos Hebreus foi escrita para cristãos. Embora o escritor advirta os seus leitores contra a apostasia, é evidente que ele acredita que eles estão verdadeiramente salvos (Hebreus 6:9). Também é óbvio que a Epístola é uma homilia – um sermão escrito – repleta de exposição, aplicação e exortação bíblicas. Contudo, qual é o assunto de Hebreus se não é Cristo? Ela O apresenta como o Filho eterno e a expressa imagem de Deus; coloca-O diante de nós como o criador, o sustentador e o herdeiro de todas as coisas. Ela desvenda o Cristo encarnado como o representante do homem; como o sumo sacerdote e o mediador da nova aliança; e muito mais.

Se os hebreus tinham necessidade desse ensino sustido (até repetitivo) concernente a Cristo, certamente nós também temos necessidade disso. Pode-se dizer a mesma coisa dos destinatários de todas as Epístolas do Novo Testamento, pois mesmo a mais prática dessas Epístolas dá relevo a Cristo. A razão para esta ênfase é clara: "A quem anunciamos, admoestando a todo homem, e ensinando a todo homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo homem *perfeito em Jesus Cristo*" (Colossenses 1:28). Note o leitor a ênfase que acrescentei. Os cristãos só podem ser levados à completitude (à perfeição) se aprenderem a respeito de Cristo.

Textos isolados

Naturalmente podemos isolar textos que não contêm nenhuma referência a Cristo. Lembro-me de ouvir um sermão sobre 1 Coríntios 15:33 – "As más companhias corrompem os bons costumes" (NVI, semelhante à versão citada pelo autor) – no qual o pregador falou exclusivamente sobre os perigos morais de se ter má companhia! Todavia, essa declaração faz parte do extenso tratamento dado por Paulo à ressurreição de Cristo e suas implicações para os crentes. O apóstolo adverte os coríntios a que se distanciem daqueles que, implicitamente, negam a ressurreição de Cristo. (1 Coríntios 15:12-19). De fato, essa passagem começa com as palavras: "Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?" Aqui não há, então, nenhuma desculpa para não pregar Cristo!

Isso ilustra o perigo de pregar com base em textos isolados sem a devida consideração do contexto. Eu sugeriria que em todo o Novo Testamento, qualquer que seja o interesse imediato do escritor, o contexto é sempre cristológico. O pregador tem a responsabilidade de estabelecer o seu texto firmemente nesse contexto e, portanto, relacionar o conteúdo do seu sermão com Cristo.

As Epístolas Pastorais

Três Epístolas do Novo Testamento foram escritas

especificamente para ajudar os líderes da Igreja a pastorearem os seus rebanhos – duas a Timóteo e uma a Tito. Embora os pastores também façam "a obra de evangelista" (2 Timóteo 4:5), o principal dever deles, como presbíteros, é: "pastoreai (alimentai) o rebanho de Deus, que está entre vós" (1 Pedro 5:1-4). As Epístolas Pastorais estão cheias de ensino prático concernente à vida da igreja local – ensino muito necessário em nossos dias. Mas Paulo tem o cuidado de salientar duas verdades. A primeira é que os pastores devem ensinar estas coisas aos crentes: "Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo... que pregues a palavra... redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina" (2 Timóteo 4:1,2).

A segunda é que o propósito desse ensino – não importa quão prático e claro ele seja – é que os crentes "em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador", porquanto "Jesus Cristo... se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniqüidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tito 2:10,14,15). Noutras palavras, todo o ensino moral e prático tem o objetivo de cumprir o propósito de Deus em Cristo. Como Pedro o expressa: "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pedro 2:9). Ensinar ética e moralidade, vida na igreja e obediência, sem referência ao seu propósito de servir de "ornamento da doutrina" e de glorificar Cristo, é pôr o carro adiante dos

bois (ou até descartar os bois completamente).

O fundamento

Ora, não seria o Sermão do Monte um tratado moral, sem referência a Cristo? Absolutamente não. Pouco depois do início do sermão, Jesus deixa claro que Ele veio cumprir "a lei e os profetas" (Mateus 5:17). O sermão passa a desvendar o que Deus requer do homem – juntando e ultrapassando o ensino do Velho Testamento. Por exemplo, embora o Velho Testamento nos diga que tenhamos piedade dos nossos inimigos (Provérbios 25:21,22), em parte alguma ele diz que devemos amá-los! (Mateus 5:43-48). Novamente, no fim do sermão, Cristo Se revela, a Si e a Seu ensino, como a "pedra fundamental sobre a qual devemos edificar as nossas vidas, se é que elas hão de resistir às tempestades da vida e do Juízo (Mateus 7:24-29).

Portanto, não podemos pregar as exigências morais de Deus sem referência a Cristo. Ele é tanto o cumprimento da antiga aliança como o fundamento da nova – toda verdadeira moralidade flui da Sua autoridade divina. Além disso, a única motivação eficaz para o reto viver (os bois que puxam o carro) é certamente o amor por Cristo, o nosso Salvador e o nosso Senhor.

Doce aroma

Acima de tudo, porém, devemos pregar Cristo aos

cristãos porque nenhuma outra coisa pode satisfazer o verdadeiro crente. "Para vós, os que credes", diz Pedro, "é preciosa (ele é precioso)". Por quê? Porque Deus diz: "Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido" (1 Pedro 2:6,7). Sendo assim, deixar de proclamar Cristo aos crentes é despojá-los daquilo que lhes dá a maior alegria. É privá-los da "fragrância do seu conhecimento" e do "doce aroma de Cristo... de vida para a vida" (2 Coríntios 2:14-17, Versão do Rei Tiago).

Se Cristo é o pão da vida, o maná do alto (João 6:33-35), será que o pregador não deve alimentar o seu rebanho correspondentemente? Se os crentes ficam "completos nele", não deveríamos labutar para mostrar-lhes que o Cristo em quem habita toda a plenitude? (Colossenses 2:10; 1:19). Naturalmente que sim. Pois "ele é antes de todas as coisas... a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência" (Colossenses 1:17-19). Seria esquisito Deus querer que o Seu Filho tenha a preeminência em tudo, exceto em nossa pregação!

Contemplando o Pai

Há outra possível objeção – uma questão que perturba genuinamente alguns pregadores. Se pregarmos exclusivamente Cristo, não correremos o risco de negligenciar o Pai – a primeira Pessoa da Deidade? Será isso por que muitos

sermões se referem muitas vezes a "Deus" porém fazem pouca menção de Cristo? Por exemplo, é possível pregar sobre a glória de Deus com base em passagens do Velho Testamento como Êxodo 3.6 (a sarça ardente) ou 33:18-23 (Moisés rogando a Deus que lhe mostre Sua glória) sem referência a Cristo.

Lembremo-nos, porém, de que sob a nova aliança contemplamos "a glória de Deus, na face de Jesus Cristo" – que revela a plenitude da "graça e da verdade" (2 Coríntios 4:6; João 1:14). Devemos expor por todos os meios estas manifestações veterotestamentárias da glória de Deus. Façamo-lo, porém, relacionando-as com Cristo, lembrando que outrora elas eram apenas sombras e precursoras da "excelente glória" – a glória do Filho amado de Deus (2 Coríntios 3:10). Porquanto Cristo é "o resplendor da sua glória (de Deus), e a expressa imagem da sua pessoa" (Hebreus 1:3). Hebreus nos faz lembrar também que não mais chegamos ao Monte Sinai, "mas... ao monte de Sião, e à cidade do Deus vivo" (Hebreus 12:18-24). A verdadeira glória do Deus vivo é revelada somente em Cristo, pois "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o fez conhecer" (ou, ARA: "é quem o revelou", João 1:18).

Daí, o que concluiremos? "Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou" (João 5:23). Quem vê o Filho vê o Pai (João 14:9). Não é possível, pois, honrar Cristo em detrimento da honra devida ao Pai. Antes, exaltamos o Pai na mesma proporção quando exaltamos Seu Filho.

9

PREGANDO CRISTO FIRMADOS NO VELHO TESTAMENTO

"E Paulo... disputou com eles sobre as Escrituras,
expondo e demonstrando que convinha
que o Cristo padecesse e ressuscitasse dentre os mortos.
E este Jesus, que vos anuncio dizia ele, é o Cristo."
– Atos 17:2,3

Raramente os pregadores têm dificuldade em pregar baseados no Velho Testamento – mas pregar *Cristo* com base no Velho Testamento pode ser uma questão diferente. Não obstante, foi exatamente isso que Paulo fez quando chegou a Tessalônica, como o versículo acima impresso deixa claro. Naturalmente, o Velho Testamento contém muitas passagens explicitamente "messiânicas" – isto é, elas fazem inequívoca referência à vinda de Cristo. Isaías, capítulo 53, é provavelmente o exemplo mais conhecido, mas há muitos outros. Ninguém tem problema em pregar Cristo baseado em tais passagens neotestamentárias.

A dificuldade está em conseguir uma interpretação cristológica geral e coerente do Velho Testamento – uma interpretação na qual todas as Escrituras do Velho Testamento sejam vistas como um testemunho de Cristo e sejam entendidas em consonância com isso. Há dois pontos a considerar: em primeiro lugar e fundamentalmente, deveríamos buscar tal interpretação de qualquer forma? Em segundo lugar, se devemos, como podemos, na prática, encontrar Cristo em todas as Escrituras?

"Icebergs" ou ilhas?

Neste capítulo tratamos da primeira destas perguntas. Uma analogia talvez nos ajude a explicar essa questão. Consideremos um "iceberg" flutuando no oceano. É uma beleza, mas flutua livremente, sem raiz alguma em seu ambiente aquático. É incidental, isolado e sem significado duradouro. Em contraste, ilha é uma manifestação da geografia oculta do oceano – talvez revelando a existência de um vulcão extinto. Ela é parte integrante do leito do oceano, muito embora o fato de que esse leito em grande parte está oculto, enquanto não nos dermos o trabalho de explorar as suas profundezas.

Similarmente, as passagens messiânicas podem ser "icebergs", belas em si mesmas mas incidentais, sem raízes nas Escrituras do Velho Testamento – singularidades desconexas que de modo algum refletem a natureza intrínseca dessas Escrituras. Por outro lado, estas passagens

podem ser "ilhas" – afloramentos visíveis de uma profunda realidade oculta que sustenta parte por parte as Escrituras do Velho Testamento, de Gênesis a Malaquias. Essa é, creio eu, a visão do Velho Testamento revelada pelo Novo. Naturalmente, a realidade oculta é Cristo. Consideremos as evidências acaso existentes para suporte desta alegação.

As Evidências

Em primeiro lugar, as Epístolas do Novo Testamento contêm diversas declarações que asseveram que o propósito de todas as Escrituras do Velho Testamento é instruir e edificar os crentes pertencentes à nova aliança. Além disso, em cada caso esta asserção tem suporte no testemunho de Cristo dado pelo Velho Testamento. Com efeito elas dizem: "O Velho Testamento foi escrito para o nosso benefício, e esse benefício reside em Cristo".

Um exemplo é Romanos 15:1-4. Essa passagem começa com uma simples injunção moral – "nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos". Mas Paulo não deixa a coisa nesse pé. Essa conduta moral, ele insiste, flui do exemplo de Cristo – "Porque também Cristo não agradou a si mesmo, mas, como está escrito (Salmo 69:9): Sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam". E continua: "Porque tudo que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança...". A palavra grega traduzida por "sejam quais

forem as coisas" (VA) é enfática, implicando "tudo" (ARC).

Isso nos diz não somente que a citação obscura do Salmo 69 se refere a Cristo, mas também que *todas* as Escrituras do Velho Testamento foram escritas especificamente para nosso benefício. Este benefício, diz Paulo, nos vem na forma de aprendizado, paciência, consolação e, acima de tudo, esperança em Cristo (não há outra esperança).

Tentando Cristo

Uma segunda declaração acha-se em 1 Coríntios 10:8-12, onde Paulo adverte: "Não tentemos Cristo, como alguns deles também tentaram, e pereceram pelas serpentes... Ora tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos". Como em Romanos, capítulo 15, Paulo diz duas coisas e as liga uma à outra. Primeiramente, o real propósito do Velho Testamento – mesmo as suas partes históricas – é instruir e admoestar aqueles que vivem sob a nova aliança ("para quem já são chegados os fins dos séculos"). Adicionalmente, porém, é Cristo que não devemos tentar – significando que estas Escrituras nos admoestam, não apenas em termos gerais, mas quanto à nossa relação com Cristo. Ele próprio nos diz que "a serpente no deserto" prefigurava a Sua crucifixão (João 3:14).

Uma terceira declaração encontra-se em 1 Coríntios 9:9 – "Porque na lei de Moisés está escrito: não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura Deus tem cuidado dos

bois? Ou não o diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito; porque o que lavra deve lavrar com a esperança...". Continue a ler, e você verá que o "lavrar" aqui é a obra do evangelho. Mais uma vez, então, encontramos asserções gêmeas – as Escrituras do Velho Testamento foram escritas para nosso benefício, e esse benefício se relaciona com Cristo e Seu evangelho.

Pedro concorda (1 Pedro 1:8-12). Ele escreve: "Da qual salvação (mediante Cristo) inquiriram e trataram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada... o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir".

"Nos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo, enviado do céu, vos pregaram o evangelho".

Isso dificilmente poderia ser mais claro. Os profetas do Velho Testamento (expressão que abrange todos os escritores do Velho Testamento) foram movidos pelo Espírito Santo para testificarem do sofrimento e da glória de Cristo – e ao fazê-lo não estavam ministrando primariamente para a geração deles, mas para aqueles que iriam ouvir o evangelho neotestamentário da salvação pela graça.

O Velho Testamento testifica de Cristo

A seguir chegamos a diversas declarações definitivas

concernentes ao testemunho que o Velho Testamento dá de Cristo. A primeira acha-se em João 5:39, onde Jesus diz aos judeus: "Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam". Esta não é uma declaração de se jogar fora, mas é parte de um argumento extenso. Pois pouco depois Jesus continua: "Se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque *de mim escreveu ele*. Mas, se não credes nos *seus escritos*, como crereis nas minhas palavras? (João 5:46,47).

Note-se a escolha das palavras. Cristo não diz simplesmente: "(As Escrituras) testificam de mim", o que poderia significar que elas o fazem incidentalmente. Antes, diz: "São elas que de mim testificam" – implicando que o real propósito do Velho Testamento é testificar dEle. De novo Ele declara inequivocadamente que são os escritos de Moisés (isto é, todo o Pentateuco) que dão testemunho de Cristo, não apenas ocasionais referências neles presentes. Isso é significativo, uma vez que há uma tendência comum atual de pregar sobre assuntos tais como criação, os patriarcas, e a lei de Moisés, de um modo que negligencia Cristo. Contudo, em conformidade com Jesus, Moisés estava escrevendo sobre Ele no correr de todo o conteúdo dos cinco primeiros livros da Bíblia.

Uma segunda passagem significativa é Lucas 24:25-27, a conhecida história do caminho de Emaús. O Cristo ressurreto repreende os Seus frustrados discípulos: "Ó néscios, e tardos de coração para crer *tudo* o que os profetas disseram!... E, começando por Moisés, e por *todos* os

profetas, explicava-lhes o que dele se achava em *todas* as Escrituras". Note o leitor os três termos abrangentes, *tudo, todos, todas*. É evidente que Lucas está interessado em que entendamos a natureza compreensiva das reivindicações de Jesus – a saber, que todas as Escrituras do Velho Testamento, não apenas parte delas, são proféticas quanto a Cristo.

"Moisés e os profetas" é uma forma abreviada de referir-nos ao Velho Testamento – e noutro lugar Jesus nos diz que veio cumprir cada "jota" e "til" dessas Escrituras (Mateus 5:17,18). Se Cristo é Seu cumprimento, elas necessariamente apontam para Ele.

Sábios para a salvação

O último texto que vamos usar como prova é 2 Timóteo 3:15-17 – "Desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra".

Freqüentemente citamos essas palavras quando falamos da natureza e do uso das Escrituras – que elas são inspiradas (literalmente "sopradas-por-Deus") e instrutivas. Mas facilmente passamos por alto a declaração que leva Paulo a descrever o Velho Testamento dessa maneira. Qual declaração? Que estas antigas Escrituras do Velho Testamento nos

iluminam quanto à salvação pela fé em Cristo! De novo Paulo se refere compreensivamente às Escrituras do Velho Testamento como aquilo que revela Cristo com poder salvífico. É neste contexto cristológico que o apóstolo, em acréscimo, recomenda o Velho Testamento como uma fonte de instrução e de boas obras.

Estas Escrituras me compelem a crer que o Velho Testamento, em sua inteireza, testifica de Cristo e foi escrito especificamente para benefício dos crentes do Novo Testamento – e de todos os que desejam tornar-se "sábio(s) para a salvação" nEle. As "passagens messiânicas" das Escrituras do Velho Testamento são "ilhas", não "icebergs", revelando a cristologia totalmente abrangente do Velho Testamento.

10

A PRÁTICA DO NOVO TESTAMENTO (1)

"Porque com grande veemência
(Apolo) convencia publicamente os judeus,
mostrando pelas Escrituras
que Jesus era o Cristo."
– Atos 18:28

No capítulo anterior começamos a considerar o assunto "Pregando Cristo firmados no Velho Testamento". Fiz duas perguntas – a primeira, se devemos procurar apresentar sempre Cristo quando pregamos baseados no Velho Testamento, qualquer que seja a passagem focalizada, e a segunda, como podemos fazer isso na prática?

Respondi a primeira pergunta na afirmativa. Entre as mais expressivas Escrituras do Novo Testamento que dão suporte a esta idéia está 1 Pedro 1:10,11 – os próprios escritores do Velho Testamento "inquiriram e trataram diligentemente... profetizaram da graça que vos foi dada, indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente

testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir".

Tendo, pois, confiança em que todo o Velho Testamento verdadeiramente testifica de Cristo, passamos agora à segunda pergunta – como podemos encontrar Cristo nos escritos do Velho Testamento para podermos pregá-lo com base neles? Esta inquirição ocupará os capítulos restantes deste pequeno livro.

Argumentando com base nas Escrituras

Imagino que todos nós concordamos que devemos ser guiados nesta questão pela prática do Novo Testamento. Para a maioria dos escritores e pregadores do Novo Testamento, a única "Bíblia" disponível era o Velho Testamento. Que melhor instrutor poderíamos ter, então, do que o Novo Testamento, se queremos pregar Cristo baseados no Velho Testamento?! Nesta questão, a prática do Novo Testamento é exemplificada por duas declarações de Atos. Primeiro, quando Paulo chegou a Tessalônica e foi à sinagoga, "discutiu com eles, tirando argumentos das Escrituras (Velho Testamento), expondo e demonstrando ser necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dos mortos. E este Jesus, que eu vos anuncio, dizia ele, é o Cristo" (17:2,3). Segundo: "(Apolo) com grande veemência convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo" (18:28).

Mas, como exatamente os escritores e os pregadores do

Novo Testamento "encontraram" Cristo em todas as Escrituras? Fizeram isso em três níveis – em referências diretas ao Messias, em tipos e figuras, e no que chamarei "referências obscuras".

Referências diretas

Primeiramente, e de maneira muito clara, eles encontraram no Velho Testamento referências que falam claramente do Messias e Seu reino. As numerosas profecias da vinda de Cristo são exemplos óbvios, freqüentemente refletidos no refrão: "Para que se cumprisse...". Estas palavras ou semelhantes se acham não menos de dezesseis vezes no Evangelho de Mateus, começando com Mateus 1:22,23 – "Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta, que diz: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel, que traduzido é: Deus conosco". Semelhantemente, em Lucas 4:21 Jesus declara a respeito de Si mesmo: "Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos" (referia-se a Isaías 61:1,2). Declarações similares ocorrem em toda parte nos Evangelhos, em Atos e no Apocalipse.

Outro tipo de referência direta acha-se onde o Novo Testamento toma uma passagem do Velho Testamento concernente a Jeová (ou JAHWE) e a aplica a Cristo – sem qualquer reticência ou pedido de desculpa. Um notável exemplo é a declaração que consta em Isaías 45:23 – "Por

mim mesmo tenho jurado; saiu da minha boca a palavra de justiça, e não tornará atrás: que diante de mim se dobrará todo joelho, e por mim jurará toda língua".

Paulo aplica essa Escritura a Cristo, não uma vez, mas duas – em Romanos 14:10,11 e em Filipenses 2:9-11: "Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai". Mais um exemplo é João 12:37-41, que nos conta que a visão do templo, de Isaías, foi de Cristo entronizado (Isaías 6:10).

Tipos e figuras

No segundo nível, os escritores e os mestres do Novo Testamento acharam Cristo nos tipos e nas figuras do Velho Testamento. O Dicionário Teológico de Buck define "tipo" como "uma impressão, imagem, ou representação de um modelo, este denominado antítipo". Os antítipos bíblicos incluem o próprio Cristo, a morte de Cristo, a igreja e o reino de Cristo, a salvação, e outras realidades espirituais. Também se pode definir o tipo como algo que, evidentemente, é simbólico. Por exemplo, o assento de misericórdia (o propiciatório) simbolizava Cristo crucificado como a causa e como a sede da misericórdia de Deus para os pecadores. Desnecessário é dizer que no Velho Testamento proliferam esses tipos e figuras que (como já

vimos no capítulo anterior) foram dados especificamente para prover percepção, instrução e iluminação em relação aos seus antítipos presentes na nova aliança. Por isso eles constituem um tão rico depósito de material para a pregação cristocêntrica nos dias atuais.

Esses tipos e figuras incluem: sacrifícios animais, representando a obra expiatória de Cristo (por exemplo, "Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós" (1 Coríntios 5:7); reis, sacerdotes e guerreiros do Velho Testamento, representando o reino de Cristo, a intercessão sacerdotal e conquistas ou vitórias espirituais; Moisés, representando Cristo como chefe e cabeça; o tabernáculo, representando o ministério de Cristo; a Shekinah, representando a glória de Cristo; a rocha, representando Cristo em Seu poder eterno; Israel, representando o povo de Cristo; a terra prometida, representando a salvação; e o templo, representando a Igreja de Cristo.

Referências obscuras

O terceiro nível, no qual os escritores do Novo Testamento encontraram Cristo no Velho Testamento, é menos nítido, porém igualmente real. Há lugares no Novo Testamento nos quais os textos do Velho Testamento são aplicados a Cristo, passagens que, se não fosse isso, não pareceriam ter nenhum significado cristológico. Um exemplo é Gálatas 3:16, onde Paulo interpreta a promessa feita à "semente" de Abraão como se referindo a Cristo

em pessoa, quando a entenderíamos mais naturalmente como significando os descendentes de Abraão em geral. Também em Gálatas 4:21-31 ele usa a história de Sara e Agar como uma profunda alegoria concernente à velha e à nova aliança.

Outro caso e Isaías 8:16-18: "Liga o testemunho, sela a lei entre os meus discípulos. E esperarei ao Senhor... Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor". Hebreus 2:12-14 aplica essas palavras a Cristo, apesar de que o seu sentido messiânico está longe de estar claro no texto do Velho Testamento. A mesma coisa é certa com relação a outras Escrituras citadas em Hebreus, passagens como o Salmo 8:4-6 (Hebreus 2:6-9) e Habacuque 2:3,4 (Hebreus 10:36-39).

Pedro se ocupa de Provérbios 26:11 – "Como o cão que torna ao seu vômito" – e o aplica aos que apostatam de Cristo. E quem teria reconhecido Cristo e Seu evangelho na personificação da "sabedoria" em Provérbios, capítulo 8, se Paulo não tivesse escrito: "Cristo (é o) poder de Deus, e (a) sabedoria de Deus" (1 Coríntios 1:24)? E assim por diante.

Evidentemente, esta categoria "obscura" é ampla, abrangendo tudo, desde um único provérbio até uma longa narrativa como a história de José – onde há um "obscuro" mas discernível modelo da morte e ressurreição de Cristo. Provavelmente é preciso incluir também aqui as "teofanias" (aparições de Deus), nas quais o Cristo pré-encarnado apareceu a crentes do Velho Testamento em forma humana

(exemplos: Josué 5:13-15; Daniel 3:24,25).

Um problema

Um problema que nos confronta com os "textos obscuros" é que os autores do Novo Testamento escreveram sob a direção e a inspiração do Espírito Santo – garantindo que as suas interpretações fossem confiáveis. Mas se nós, por nossa conta, impusermos interpretações cristológicas a textos "obscuros" do Velho Testamento não especificamente mencionados no Novo Testamento, não teremos essa garantia. Isso é certo, e temos que ter cuidado ao abordarmos tais textos. Contudo, também devemos lembrar-nos de que temos um indulto geral para interpretar o Velho Testamento de maneira cristológica, como vimos no capítulo anterior. É importante manter em mente este equilíbrio.

Um exemplo clássico é o secular debate sobre a interpretação de Cantares de Salomão. Seria apenas uma bela e instrutiva história de amor? Ou seria uma alegoria concernente a Cristo e a Sua Igreja? Eu creio que esse livro fala de Cristo e Sua Igreja. Por quê? Porque a Igreja é retratada em diversas passagens do Novo Testamento como a noiva ou esposa de Cristo, que é o noivo. Desta perspectiva da nova aliança, o livro de Cantares de Salomão faz mais sentido se for entendido desta maneira. Isso é instrutivo. É necessário que justifiquemos a nossa interpretação de um texto do Velho Testamento em termos

do ensino global do Novo Testamento. Mas, desde que possamos fazê-lo, não devemos hesitar em expô-lo cristologicamente.

Conclusão

Como preliminar da pregação de Cristo com base no Velho Testamento, precisamos encontrar Cristo nele. Como podemos fazer isso? Seguindo a prática dos escritores e pregadores do Novo Testamento, os quais, na maior parte, não tinham Escrituras exceto o Velho Testamento.

Naturalmente, eles próprios estavam em processo de receber nova revelação (Efésios 3:5), o que não acontece conosco. Mas eles tinham todo o cuidado de demonstrar que esta nova revelação era totalmente coerente com o Velho Testamento, e recomendavam aqueles que, como os bereanos, "de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras (Velho Testamento) se estas coisas eram assim" (Atos 17:11). Portanto, em cada nível devemos adotar a perspectiva do Novo Testamento e seguir a prática do Novo Testamento quando procuramos encontrar Cristo no Velho Testamento – nas referências diretas, na tipologia e até em textos obscuros.

11

A PRÁTICA DO NOVO TESTAMENTO (2)

"Então Filipe, abrindo a sua boca
e começando nesta escritura,
lhe anunciou a Jesus."
– Atos 8:35

No capítulo anterior identificamos três maneiras pelas quais os escritores e os pregadores "encontraram" Cristo no Velho Testamento – nas referências messiânicas diretas, nos tipos e figuras e no que chamamos "referências obscuras". Ilustremos agora esta abordagem, baseados na pregação em Atos.

Chegando a Cristo

Comecemos com o versículo que encabeça esta página. Filipe, enviado pelo Espírito à estrada de Gaza, encontra um eunuco etíope, homem "de grande autoridade" (VA), que voltava de Jerusalém no seu carro. O homem está

lendo Isaías 53:7,8 – "Foi levado como a ovelha para o matadouro". Ele pergunta a Filipe: "De quem diz isto o profeta?"

Em resposta, Filipe, "abrindo a sua boca e começando nesta escritura, lhe anunciou a Jesus". Claro está que o sermão propriamente dito não está registrado, mas é dito o suficiente para demonstrar o método de Filipe.

Ali, contudo, estava uma passagem messiânica na qual Cristo só é identificado como o "servo justo" do Senhor, o qual "justificará a muitos". E assim, embora Filipe tenha podido *começar* nesta Escritura, não pôde terminar ali! Foi necessário que ele ligasse a promessa messiânica Àquele que agora tinha vindo em carne – Jesus de Nazaré. Evidentemente, a ligação não era apenas com Jesus como homem. Filipe teve que explicar em que sentido Jesus era "justo" – e com que propósito. Ele teria dito ao etíope que Jesus tinha assegurado a justificação de muitos por Sua morte e ressurreição (Romanos 4:25). Certamente ele deve ter explicado o sentido do batismo, pois, de outro modo, o homem não teria pedido para ser batizado!

Vemos aqui os elementos básicos do método do Novo Testamento. A profecia do Velho Testamento foi utilizada como ponto de partida – como trampolim – a partir do qual fosse pregado especificamente a Pessoa de Jesus de Nazaré e Sua obra expiatória. A promessa messiânica foi explicada sem permitir que o seu sentido fosse mal compreendido – tanto objetivamente como para o etíope, pessoalmente.

Independentemente de onde partimos, temos que chegar a "Jesus Cristo, e este crucificado".

Joel e Jesus

Nosso segundo exemplo também é um caso de "referência direta" – o sermão de Pedro no dia de Pentecoste (Atos 2:14-39). Pedro começa com uma explicação. As coisas espantosas acontecidas diante dos seus olhos eram, disse ele, o cumprimento de uma profecia do Velho Testamento ("Isto é o que foi dito pelo profeta..."). Dessa maneira, ele relaciona a experiência atual e pessoal dos seus ouvintes com as Escrituras. Isso é importante. Para pregarmos Cristo, baseados no Velho Testamento, precisamos relacionar as Escrituras com as circunstâncias pessoais dos nossos ouvintes. Pedro não estava dando uma aula de história, e nós tampouco devemos fazer isso!

Ainda mais importante é o fato de que ele imediatamente liga a profecia de Joel a Jesus Cristo. Será que Joel tinha predito "prodígios" e "sinais" da parte de Deus? Pois também Jesus foi "aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais...". Noutras palavras, Pedro deduz da profecia não apenas uma explicação de alguns eventos enigmáticos, mas um testemunho da deidade e do poder de Cristo.

Tendo apresentado Cristo como o homem "aprovado por Deus", Pedro passa rapidamente à crucifixão – que ele atribui primeiramente ao soberano propósito redentor de Deus, e

somente secundariamente à transgressão dos judeus. A morte de Cristo é central no plano de salvação e, por conseguinte, na pregação neotestamentária (1 Coríntios 2:2).

Como prova disso tudo, continua Pedro, Deus tinha ressuscitado Jesus dentre os mortos. Depois ele lança mãos de outra passagem do Velho Testamento, qual seja, o Salmo 16:8-11, colocando realmente as palavras de Davi nos lábios de Cristo. Pedro justifica a "descoberta de Cristo" no Salmo assinalando que de forma alguma aquelas palavras podiam ser aplicadas a Davi. Antes, diz ele, Davi, em sua "previsão, disse da ressurreição de Cristo..." e falou sobre "este Jesus (que) Deus ressuscitou".

A seguir, citando uma terceira Escritura (Salmo 110:1), Pedro fala da vitoriosa exaltação de Cristo ao trono de Deus – Ele é Senhor e Rei (Atos 2:33-36). Finalmente, voltando a Joel, o pregador apresenta o derramamento do Espírito de Deus como o dom de Cristo – cumprindo a antiga promessa e abrindo o caminho da salvação para todos os povos.

A importância dos elos

Podemos aprender muito da maneira como Pedro utiliza o Velho Testamento para pregar Cristo. Ele emprega três passagens do Velho Testamento aparentemente não inter-relacionadas, usando-as como degraus de uma escada. Cita uma Escritura, extrai o seu conteúdo messiânico, e então a elabora ligando-a a Jesus de Nazaré – antes de repetir o processo com uma segunda Escritura,

e depois com uma terceira.

Cada nova Escritura leva adiante os seus ouvintes – da aprovação do homem por Deus para a morte expiatória de Cristo, para a Sua ressurreição vindicativa, para a Sua entronização no céu e, finalmente, (revertendo a Joel), para a promessa de salvação mediante o dom do Espírito. Uma parte essencial deste processo é a maneira como Pedro liga firmemente cada passagem do Velho Testamento a Jesus Cristo – isto é, à revelação do Novo Testamento. Essas ligações são vitais, pois, as passagens do Velho Testamento, como se nos apresentam, raramente manifestam a plenitude da nova aliança em Cristo – elas requerem a luz adicional do Novo Testamento, se é que hão de iluminar os nossos corações e as nossas mentes com relação a Ele.

Portanto, em nossa pregação sempre devemos ligar os versículos que escolhemos no Velho Testamento às Escrituras do Novo Testamento – tornando explícito o que de outro modo permaneceria obscuro. Então, por sua vez, a passagem do Velho Testamento completará e enriquecerá a verdade do Novo Testamento que ela prefigura. Um excelente exemplo disso é o modo como a morte de Cristo cumpre os sacrifícios do Velho Testamento, enquanto que os sacrifícios de animais nos preparam para entendermos a natureza forense e substitutiva da morte de Cristo como expiação pelo pecado.

Tipos e figuras

A segunda maneira pela qual os sermões de Atos "acham

Cristo" no Velho Testamento é nos tipos e nas figuras. Na realidade, esse uso é menos freqüente em Atos do que nos sermões de Jesus – por exemplo, a serpente no deserto, o sinal do profeta Jonas, o templo reconstruído em três dias, etc. As Epístolas do Novo Testamento (especialmente Hebreus) também fazem amplo uso da tipologia do Velho Testamento.

Não obstante, há exemplos nas mensagens de Atos. Em Atos 4:5-12 Pedro se defende diante das autoridades governamentais e dos anciãos citando o Salmo 118:22 – "Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por "cabeça de esquina". Esta citação contém realmente três "tipos". Primeiro, Cristo tipificado como pedra posta como "cabeça de esquina" do templo espiritual de Deus. Segundo, o próprio templo (implícito) é empregado para figurar a Igreja de Cristo. Terceiro, os judeus são tipificados como os "edificadores" – os quais deveriam ter edificado o reino de Deus na terra, porém fracassaram miseravelmente.

Mas o que é mais importante é o modo como Pedro usa esta tipologia para sublinhar a singularidade e a supremacia de Cristo. Tendo citado o Salmo, ele continua: "E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12).

O tabernáculo de Davi

Um segundo exemplo acha-se no discurso de Tiago

perante o Concílio de Jerusalém (Atos 15:13-21). Referindo-se à conversão dos gentios, ele cita Amós 9:11,12 – "Depois disto voltarei, e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído... para que o resto dos homens busque ao Senhor".

Pouco importa se o "tabernáculo de Davi" se refere ao tabernáculo real e concreto que desapareceu dos registros do Velho Testamento depois da morte de Davi, ou se se refere à "casa" ou dinastia de Davi. De um modo ou de outro, é uma figura de Cristo, que "tabernaculizou" entre nós e que foi "ressuscitado para assentar-se no trono de Davi" – e que atrai a Si "o resto dos homens", gentios bem como judeus. A tipologia é crucial para a argumentação de Tiago. No Concílio de Jerusalém todo o futuro da Igreja Cristã estava em jogo. Acaso os crentes gentios foram de fato co-herdeiros de Abraão junto com os crentes judeus? Será que o cristianismo foi apenas uma extensão da lei de Moisés, ou fora inaugurada uma nova aliança? Interpretando "o tabernáculo de Davi" como uma referência a Cristo, e aplicando vigorosamente o tipo à discussão em mãos, Tiago guia o concílio firmemente para uma conclusão acertada – e abre de par em par a porta da fé para todos os povos da terra.

No próximo capítulo consideraremos o uso feito em Atos de "referências obscuras" – isto é, de passagens do Velho Testamento com base nas quais Cristo é pregado, mas as quais não são claras predições messiânicas, nem tipos nem figuras.

12

O SERMÃO DE ESTÊVÃO

"E apresentaram falsas testemunhas,
que diziam... nós lhe ouvimos dizer
que esse Jesus Nazareno há de destruir
este lugar e mudar os costumes
que Moisés nos deu."
– Atos 6:13,14

Já vimos que os pregadores do Novo Testamento "encontraram" Cristo no Velho Testamento, nas profecias messiânicas e nos tipos. Mas também O encontraram no que chamei "referências obscuras" – textos do Velho Testamento que, à primeira vista, não têm nenhuma vinculação com Cristo. Consideremos agora este aspecto da prática do Novo Testamento, usando como nosso exemplo o sermão de Estêvão em Atos, capítulo 7.

Lição da história?

Com base nas acusações apresentadas contra Estêvão (ver texto inicial, acima), fica suficientemente claro que a sua intenção era pregar Cristo. Mas o seu longo sermão, em

Atos 7:1-53, não faz menção de "Jesus" ou de "Cristo" – parece uma simples aula de história! Para sermos justos, ele faz breve referência a Cristo como o profeta semelhante a Moisés (versículo 37) e ao "Justo" (versículo 52). Foi essa última declaração que de fato provocou a ira dos seus perseguidores. Contudo, em sua maior parte, ele apenas rememora a história do Velho Testamento sem nenhuma aplicação óbvia a Cristo. Então, será que Estêvão estava pregando Cristo? Sim – e o fez através de todo o seu sermão, apesar das aparências.

O uso da história, por Estêvão, para pregar Cristo é especialmente significativo, porque as partes históricas do Velho Testamento muitas vezes parecem vazias de conteúdo cristológico. A Lei transborda de tipos e figuras de Cristo. Os Salmos estão repletos de esperança messiânica. Os profetas também testificam claramente dAquele que havia de vir. Entretanto, onde está Cristo nas narrativas históricas do Velho Testamento?

Um princípio de interpretação

À primeira vista, estas histórias são um descaracterizado deserto para o aspirante apregador de Cristo. Mas Estêvão tinha melhor conhecimento. Ele entendeu um princípio que Paulo enunciou posteriormente. Escrevendo sobre a conturbada história de Israel no deserto, Paulo diz à igualmente conturbada igreja de Corinto: "Ora tudo isto lhes sobreveio como figuras, e (estas) estão escritas para

aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos" (1 Coríntios 10:11).

"Tudo isto (que) lhes sobreveio" constitui a história de Israel. Paulo nos está dizendo que esta narrativa antiga e conhecida de poucos foi registrada sob a direção do Espírito Santo para nossa instrução e para nosso benefício – para quem um dia Cristo seria proclamado. A mesma verdade é ensinada em Hebreus 3:5, que diz: "Na verdade Moisés foi fiel em toda a sua casa, como servo, para testemunho das coisas que se haviam de anunciar (isto é, na era do evangelho)". Ver também Romanos 15:4. Vejamos, então, este princípio em ação na mensagem de Estêvão dirigida ao conselho dos judeus.

Cristo na promessa

Estêvão começa lançando um alicerce, qual seja, a promessa feita por Deus a Abraão e selada pelo "pacto da circuncisão" (versículos 5-8). Estêvão lembra-lhes que a essência da nacionalidade judaica jaz em serem herdeiros desta promessa. Como sabemos, a promessa de Deus a Abraão culmina na "semente" ou "descendência" por meio da qual todas as nações da terra seriam abençoadas – e a referida semente é Cristo (Gálatas 3:16).

Os ouvintes de Estêvão eram bem versados nas Escrituras e deveriam ter entendido as implicações messiânicas da promessa. Tenham-nas entendido ou não, foi-lhes feito notar claramente que este sermão dizia respeito ao

cumprimento da promessa na vida de Cristo. Logicamente, neste ponto Estêvão introduz o tema dominante do seu sermão – a inveja e a rejeição direcionadas aos escolhidos de Deus por seus irmãos judeus através de toda a história. Naturalmente, esta rejeição prefigurou sua rejeição do Cristo prometido – e nela culminou.

Cristo e José

Isso emerge primeiro no versículo 9, onde Estêvão relata que José foi invejado e rejeitado por seus irmãos. Contudo, "Deus era com ele e livrou-o de todas as suas tribulações" (versículos 9,10). A verdade que dá equilíbrio é o seguinte – aqueles que os judeus rejeitam são, não obstante, ressuscitados ou soerguidos por Deus. Jesus de Nazaré já está claramente em vista! Além disso, não somente José foi elevado a um alto ofício no Egito, mas também foi recebido por seus irmãos (e ex-inimigos) como alguém que retornou dos mortos. E, tendo-se dado a conhecer a eles, José se tornou seu salvador da fome e da morte (versículos 13,14). De novo as implicações messiânicas podem ter sido perdidas pelos ouvintes de Estêvão, mas estavam claramente presentes na mente do pregador, como veremos.

A seguir, Estêvão lhes lembra que as palavras de Deus a Abraão concernentes à escravização e à libertação de Israel do Egito foram cumpridas com precisão (comparar os versículos 6,7 com os versículos 17-19). Se aconteceu

isso, não seria cumprida também a Sua promessa concernente à "semente"?

Cristo e Moisés

Estêvão agora se lança à parte mais longa do seu sermão – a que retrata a história de Israel sob Moisés (versículos 20ss.). Começa salientando a triste condição de Israel no Egito. Enaltece Moisés como um menino "formoso aos olhos de Deus" (versículo 20, ARA) e como um homem cheio de sabedoria. Moisés foi também "poderoso em suas palavras e obras", frase empregada pelos primeiros discípulos para descrição de Jesus – "varão profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo" (Lucas 24:19). Mas o ponto saliente de Estêvão sobre Moisés foi que, como José antes dele, Moisés foi rejeitado por seus irmãos – "Ele cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão; mas eles não entenderam" (versículo 25). O pregador sublinha o seu ponto. "A este Moisés, ao qual haviam negado... a este enviou Deus como príncipe e libertador" (versículo 35).

Estou certo de que neste estágio os ouvintes estavam começando a "pegar a mensagem". Estêvão não estava simplesmente rememorando a história, mas estava demonstrando que os judeus persistente e consistentemente haviam rejeitado aqueles que Deus enviara historicamente para salvá-los, Não obstante, devido à soberana misericórdia de Deus, os salvadores que eles

rejeitavam eram levantados para salvá-los, apesar do seu pecado (versículo 36)! Portanto, eles prefiguram Cristo competentemente.

Cristo e a lei

Israel não rejeitou somente os "salvadores" enviados por Deus – também rejeitou Sua lei. Moisés "recebeu as palavras de vida para no-las dar, ao qual nossos pais não quiseram obedecer, antes o rejeitaram, e em seu coração se tornaram ao Egito" (versículos 38,39). Todavia, surpeendentemente, o Senhor não os rejeitou completamente. Por sua graça Ele os introduziu na terra prometida sob Josué, ele próprio um "salvador" e um notável tipo de Cristo (versículo 45). Além disso, eles foram acompanhados para a terra prometida pelo tabernáculo, um toque ou sinal evidente da presença de Deus entre eles. Mas eles não entenderam o sinal, nem o simbolismo do templo que o sucedeu. Não entenderam que "o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens" (versículo 48). Assim, novamente eles rejeitaram a preciosa verdade – a verdade segundo a qual Aquele que tinha "tabernaculizado" entre eles era o verdadeiro templo. Era Aquele que eles destruíram só para O verem soerguido em três dias (João 2:19).

Cristo e os profetas

A denúncia final de Estêvão cita a rejeição dos judeus

da qual foram objeto os profetas, "que anteriormente anunciaram a vinda do Justo" (versículo 52). Isto culminou em seu crime supremo – a rejeição, traição e morte do Libertador de quem os profetas falaram (vesículo 52).

Não sabemos o que mais Estêvão tencionava dizer. É quase certo que, como Pedro, ele teria continuado a declarar que, apesar da impiedade dos judeus, Deus ressuscitou Jesus dos mortos e O fez "Senhor e Cristo". Em Seu nome eles poderiam receber "a remissão dos pecados" e "o dom do Espírito Santo" (Atos 2:36-38). Essa, afinal, foi a repetida mensagem do seu sermão – que Deus levanta salvadores para libertarem aqueles que uma vez os rejeitaram. Estêvão lhes teria dito isso. Mas eles o mataram antes de ele poder dizê-lo.

Então, à primeira vista, o sermão nada mais foi que história judaica. Mas, olhando mais fundo, vemos que ele encontrou na narrativa histórica um modelo que prefigurava Cristo com gloriosa clareza. Conforme esse modelo, o povo de Deus esteve vez após vez aflito e prestes a perecer – ou de fome em Canaã, ou na escravidão do Egito, ou pelo desânimo no deserto. Cada vez Deus lhes envia um salvador, mas eles o rejeitam e rejeitam sua mensagem. Também rejeitam os legisladores e os profetas que proclamam salvação aos que têm olhos para vê-la.

Cada vez, porém, Deus rejeita a rejeição! Ele levanta o rejeitado, exaltando-o a uma posição de autoridade, firmado na qual ele parte para salvar as mesmas pessoas que se rebelaram contra ele. Em resumo, Estêvão usa a

história judaica como prefiguração e proclamação de Cristo – rejeitado, crucificado, ressurreto, e exaltado como "Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e (a) remissão dos pecados" (Atos 5:31).

Se Estêvão pode pregar Cristo baseado na história judaica, nós também podemos – e com base em toda e qualquer porção da Palavra de Deus no Velho Testamento, mesmo que à primeira vista pareça obscura. Fazendo isso, temos pleno suporte da prática do Novo Testamento.

13

CRISTO EM TODAS AS ESCRITURAS

"Tudo que dantes foi escrito
para nosso ensino foi escrito,
para que pela paciência e consolação
das Escrituras tenhamos esperança."
– Romanos 15:4

Ao concluir este pequeno livro, desejo esboçar dois sermões baseados em passagens do Velho Testamento, as quais, à primeira vista, são "obscuras" quanto a seu conteúdo cristológico. Espero que elas nos animem a encontrar "Cristo em todas as Escrituras".

O nosso primeiro sermão baseia-se em Josué, capítulo 5, e pode ser intitulado, "Removido o opróbrio do Egito" (5:9). Sob a liderança de Josué os israelitas tinham cruzado o Jordão, suas águas transbordantes e revoltas retidas e encurraladas pela Arca da Aliança que representa Cristo. Eles tinham escapado do deserto da incredulidade e tinham sido transferidos para Canaã – a terra prometida da qual deveriam agora tomar posse e que representa a salvação,

em preferência ao céu (Hebreus 4:6-10; Colossenses 1:12-14). Mas o seu avanço é interrompido abruptamente. Antes de poderem ir adiante, todos os homens tiveram que ser circuncidados (5:2,3). Por que isso é importante? Consideremos a resposta sob três títulos – o sinal da aliança; os sinais da carne; e a suficiência de Cristo.

O sinal da aliança

Deus estabeleceu a circuncisão como o sinal e o selo da Sua aliança com Abraão (Gênesis 17:7-14; Romanos 4:11). A aliança em questão não foi a do Sinai, mas a aliança da promessa – que teria seu final e supremo cumprimento em Cristo. Todavia, teve também um cumprimento histórico na ocupação da terra de Canaã (Gênesis 17:8).

A quem Deus daria a terra prometida? Somente aos herdeiros da promessa – que trazem o sinal da aliança. Mas faltava esse sinal à nação que entrou em Canaã com Josué. O ritual da circuncisão tinha sido suspenso durante os quarenta anos no deserto, sublinhando o desprazer de Deus por sua incredulidade (5:5,6; cf. Gênesis 17:14). Portanto, antes de poderem possuir a terra, eles tinham que ser "readmitidos" na aliança da promessa pelo restabelecimento do seu sinal. Que podemos aprender disso?

A aliança da promessa cumpre-se na nova aliança em Cristo; a terra retrata a salvação; e a circuncisão física prefigura a circuncisão do coração – "em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão tem virtude alguma, mas

sim o ser uma nova criatura" (Gálatas 6:15). Vemos, pois, que somente os verdadeiros herdeiros de Abraão – os quais compartilham sua fé e (tendo nascido de novo) são novas criaturas em Cristo – estão qualificados para possuir a terra da salvação (Gálatas 3:9,29).

O opróbrio do Egito (5:9) foi a escravidão, mas não foi removido quando Israel fugiu de Faraó. Por quê? Porque Israel permaneceu na escravidão da incredulidade. Somente agora, quando novamente estão sob a aliança da promessa, o opróbrio foi finalmente removido. De maneira semelhante, nós devemos encontrar refúgio sob a "nova aliança no sangue (de Jesus)" (1 Coríntios 11:25), se é que havemos de herdar o reino do céu.

Os sinais da carne

Com relação à circuncisão do coração, Paulo escreve: "No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo" (Colossenses 2:11). Sob a nova aliança, a circuncisão física fica sem sentido, mas permanece como uma figura da nova criação realizada em Cristo. Moisés previu isso claramente: "O Senhor Deus te trará de volta à terra que teus pais possuíram e a possuirás... E o Senhor Deus circuncidará o teu coração... para amares ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com toda a tua alma, para que vivas" (Deuteronômio 30:5,6).

Somente aqueles que receberam ou recebem esta

circuncisão espiritual estão qualificados para possuir a terra e suas riquezas – as insondáveis riquezas de Cristo. Deles pode-se dizer: "Já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Colossenses 3:9,10). Eles puseram de lado "os (maus) desejos da (sua) carne... e dos pensamentos" e se tornaram feitura de Deus, "criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas" (Efésios 2:3,10).

A suficiência de Cristo

As palavras de Paulo sobre a circuncisão espiritual fazem parte de uma extensa argumentação. Os versículos anteriores declaram: "NEle (em Cristo) habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e estais perfeitos (completo) nele, que é a cabeça de todo principado e potestade" (Colossenses 2:9,10). Os colossenses estavam sendo arrastados e afastados de uma fé centrada em Cristo para as perversões judaicas e gnósticas do evangelho. Seus falsos mestres os estavam concitando a observar costumes judaicos e a buscar uma sabedoria esotérica. A mensagem de Paulo neste contexto é que os crentes estão "completos" em Cristo, sendo Ele a cabeça sobre todas as coisas e a substância de toda a religião verdadeira (2:17-19). Tendo sido "circuncidados" por Cristo – purificados do pecado e ressuscitados da morte espiritual (2:13,14) – não tinham

necessidade de nenhuma outra provisão. Os que foram circuncidados no coração estão completos em Cristo. Ele é tudo o de que necessitam no tempo e na eternidade.

Para ornar a casa do Senhor

Nosso segundo esboço de sermão baseia-se em Esdras 7:11-28, passagem que registra o encargo dado pelo rei Artaxerxes a Esdras para voltar da Babilônia para Jerusalém e fazer reviver o culto no templo e renovar o próprio templo. Enquanto que o exemplo de Josué está claramente atado a um símbolo explícito, este segundo exemplo reflete um modelo implícito.

Um só versículo faz a abertura de toda a passagem. No versículo 27 lemos a resposta de Esdras às generosas provisões que o rei tinha feito: "Bendito seja o Senhor Deus de nossos pais, que tal inspirou ao coração do rei, para ornarmos a casa do Senhor, que está em Jerusalém". A passagem é, então, toda ela, sobre o embelezamento da casa de Deus – que tipifica a Igreja de Jesus Cristo (Efésios 2:9-22; Hebreus 3:6; 1 Pedro 2:5-10).

O problema do rei

Embora reconstruído completamente apenas 70 anos antes, o templo tinha passado por maus períodos. Preocupado ao ver que nem tudo ia bem – e temendo a ira divina se o nome de Deus fosse desonrado por negligência (7:23) –

Artaxerxes enviou Esdras a Jerusalém para ensinar a lei e pôr em ordem o culto do "Deus do céu" (versículo 12). Os últimos capítulos de Esdras focalizam as falhas e faltas que ele encontrou, particularmente as concessões ao mundo por meio do intercâmbio de casamento com adoradores de ídolos (Esdras 9:1-15). Quão claro retrato é este da Igreja militante atual! Até dentro das igrejas evangélicas vemos muita coisa que causa desonra a Deus por compromisso ou concessão e acomodação ao mundo. Portanto, a nossa passagem atende a uma necessidade corrente e tópica.

O propósito do rei

O propósito de Artaxerxes não foi apenas dar arrimo a uma religião enferma – foi ornar, embelezar, o templo. Ele procurou não somente a sua sobrevivência, mas também a sua transformação. Semelhantemente, o propósito de Deus (e o nosso desejo) é ver a Igreja de Cristo em nossos dias transformada além da nossa imaginação. Mas, que é que pode ser feito para "ornar" a igreja de Cristo? Aqui temos as respostas, na carta de Artaxerxes, "rei dos reis" (7:12). Veremos então respostas no livro de Deus, que nos leva ao supremo Rei dos reis e Senhor dos senhores, sim, Jesus Cristo (Apocalipse 19:16). É propósito de Cristo "apresentar a si mesmo (uma) igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível" (Efésios 5:27).

A percepção do rei

Artaxerxes não envia a Jerusalém um diplomata, nem uma figura de proa, mas um humilde sacerdote. Nisso vemos a percepção do "rei dos reis" (7:12), pois Esdras era "o escriba (perito) das palavras dos mandamentos do Senhor, e dos seus estatutos sobre Israel" – ele era "escriba da lei do Deus do céu" (7:11,12).

Se a Igreja deve ser ornada, é preciso ensinar-lhe a Palavra de Deus – a vívida lei e mensagem de um Deus soberano. Negligenciem o ministério da Palavra, e a Igreja declinará. Contudo, para ministrar direito a Palavra temos que ministrar Cristo, pois as Escrituras testificam dEle (João 5:39). Um ministério bíblico, cristocêntrico, dará vida e beleza à Igreja.

O poder do rei

Esdras foi enviado não somente pelo rei, mas também por seus "sete conselheiros" (7:14). Vemos aqui uma referência ao Espírito Santo (Zacarias 3:9; 4:10; Apocalipse 1:4). Sozinha, a Palavra não dará nova vida ao povo de Deus, nem embelezará a Igreja, mas a Palavra e o Espírito juntos o farão. Quando Paulo pregava "Cristo, e este crucificado", sua pregação era "em demonstração de Espírito e de poder" (1 Coríntios 2:2-5). É obra do Espírito revelar e glorificar Cristo (João 16:13-15). O Espírito nos ajuda também em nossas fraquezas quando procurarmos

interceder junto a Deus, e sonda as coisas profundas de Deus para que possamos ter a mente de Cristo (Romanos 8:26,27; 1 Coríntios 2:10-16).

A provisão do rei

Finalmente, "da casa dos tesouros do rei" Artaxerxes fez rica provisão para todas as necessidades de Esdras (7:20). Prata e ouro da Babilônia foram postos à sua disposição, ao lado das ofertas voluntárias feitas pelo povo de Deus (7:15,16). Essas riquezas não deviam ser esbanjadas, mas tinham que ser utilizadas no culto e no serviço de Deus (7:17,18). Assim também Deus supre as necessidades da Sua obra e do Seu povo, "segundo a sua riqueza em glória... em Cristo Jesus" (Filipenses 4:19, ARA). Aproveitemo-nos bem desse suprimento!

O espaço impede mais ampla exploração desta passagem maravilhosamente fértil – mas esteja o leitor ciente de que há nela muito mais elementos que revelam como Deus adornará Sua Igreja na terra, para que fique apta para glorificá-lO no céu. Veja se consegue encontrá-los!

PREGANDO CRISTO

"Em nossa pregação devemos arrazoar com pecadores (Atos 24:25) e responder suas perguntas (1 Pedro 3:15), mas não devemos debater com eles como se a verdade do evangelho fosse negociável. Tampouco podemos agir como que nos desculpando ou sendo evasivos no tocante ao que Deus requer em termos de adesão ao evangelho com fé e submissão. É preciso que os homens venham a Cristo nos termos dEle, não nos deles, e o pregador tem a responsabilidade de deixar esses termos claros como cristal. Quando eles vierem dessa forma... começarão a descobrir as insondáveis riquezas de Cristo."

Pregando Cristo, por Edgar Andrews, traz a público uma argumentação bíblica em prol da fé em que a pregação centrada em Cristo é a única pregação autêntica que cabe à Igreja Cristã atual. De leitura eminentemente fácil, este pequeno livro visa não somente aos que pregam, mas também aos que ouvem! Partindo da questão, "O que vamos pregar?" ele expõe uma abordagem cristocêntrica, que vê a Bíblia toda como um testemunho de Jesus Cristo e de Sua obra redentora. Mas estes capítulos são mais que teologia. Eles aquecem o coração e esclarecem a mente, visto que se demoram sobre temas como "As insondáveis riquezas de Cristo", "Pregando a expiação" e "Proclamando o Salvador".

São também mensagens sobre questões práticas como "Pregando Cristo a cristãos" e "Pregando Cristo firmados no Velho Testamento", mostrando com exemplos que Cristo pode ser pregado com base em passagens obscuras sem o risco de interpretações alegoricamente injustificadas.

Edgar Andrews é Professor Emérito da Universidade de Londres e Co-editor do Evangelical Times, e co-pastor da Igreja do Campus, em Welwyn Garden City, UK (Reino Unido).

PES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14 -17
01041-000 – São Paulo – SP